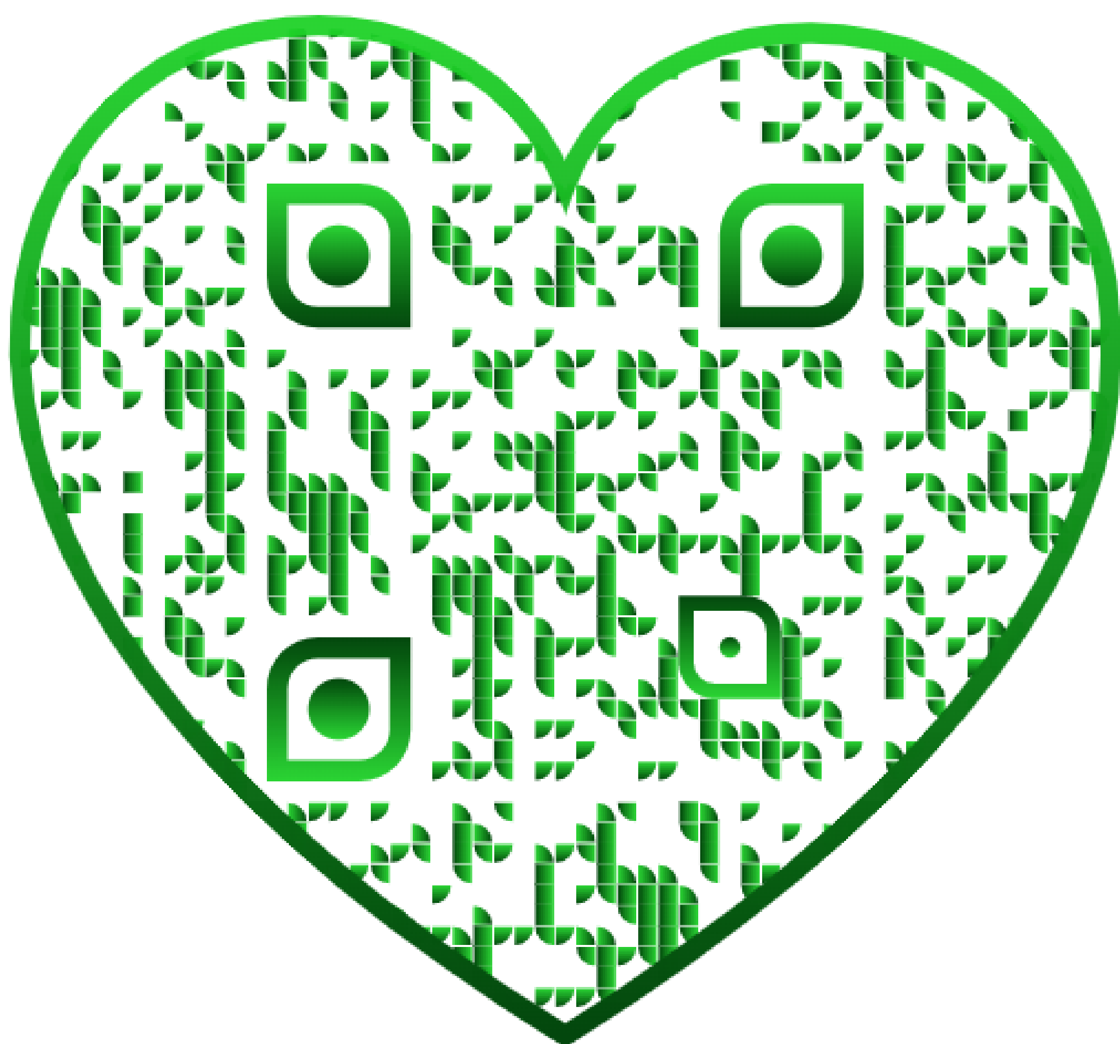
CARTAS DO IN-FERNO



C. S. LEWIS

THE SCREWTAPE LETTERS

COMPLETAS





C S Lewis

Nascido na Irlanda em 1898, C. S. Lewis estudou no Malvern College durante um ano, recebendo a seguir uma educação ministrada por professores particulares. Ele formou-se em Oxford, tendo trabalhado como professor no Magdalen College de 1925 a 1954. Em 1954 tornou-se Catedrático de Literatura Medieval e Renascentista em Cambridge. Foi um conferencista famoso e popular, exercendo grande influência sobre seus alunos.

C. S. Lewis conservou-se ateu por muitos anos, tendo descrito sua conversão no livro "Surprised by Joy": *"No Termo da Trindade de 1929 entreguei os pontos e admiti que Deus era Deus... talvez o convertido mais desanimado e relutante de toda a Inglaterra."* Foi esta experiência que o ajudou a compreender não apenas a apatia mas também a resistência ativa por parte de certas pessoas em aceitarem a idéia de religião. Como escritor cristão, caracterizado pelo brilho e lógica excepcionais de sua mente e por seu estilo lúcido e vivo, ele foi incomparável. O Problema do Sofrimento, Cartas do Inferno, Cristianismo Autêntico, Os Quatro Amores e As Crônicas de Narnia são apenas alguns de seus trabalhos mais vendidos. Ele escreveu também livros excelentes para crianças e outros de ficção científica, além de muitas obras de crítica literária. Seus trabalhos são conhecidos por milhões de pessoas em todo o mundo através de traduções. C. S. Lewis morreu a 22 de novembro de 1963, em sua casa em Oxford, Inglaterra.

Crédito desta versão: Este exemplar foi diagramada (formatada, numerada as capas, e incluído a capa) a partir de versão disponibilizado no Yahoo Groups: **grupodeamigosdocslewis**.

Capa: Diagramação gráfico apresentado como projeto de graduação no curso de Desenho Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (*http://lewisianas.8m.com/index.htm*)

Texto do autor do projeto capa: "... A capa de Cartas do Inferno sofreu muito poucas alterações desde sua concepção. Desde o princípio, se pensou nela como uma "janela" através da qual se observa o Inferno e as estratégias demoníacas. Estendendo a metáfora da "janela", uma faca se tornou um recurso ideal. A imagem central viria na folha de rosto, também em policromia. Essa imagem do papel e do tinteiro, normalmente simples, ganhou conotações mais sinistras ao ser colocada em um fundo negro. A idéia inicial incluía envolver a região vazada com uma corrente, simbolizando as cadeias infernais, mas após um teste, verificou-se que a corrente parecia demais com uma moldura. Um resultado muito melhor foi obtido simulando um chamuscado na borda do papel. Um título simulando uma máquina de escrever distorcida fechou o conjunto, bem o tipo de letra que uma correspondência infernal teria..."

A melhor forma de correr com o Diabo, se ele não se rende aos textos das Escrituras é zombar e caçoar dele, pois o mesmo não suporta o escárnio.
Martinho Lutero

O Diabo... o espírito do Orgulho... Não suporta ser debochado.
Thomas More

As Cartas do Inferno

PREFÁCIO

Não pretendo explicar como a correspondência que agora exponho chegou às minhas mãos. Há dois erros iguais e opostos no que diz respeito à matéria Demônios: Uma é desacreditar em sua existência. A outra é acreditar e sentir um excessivo e doentio interesse neles. Os mesmos demônios ficam igualmente satisfeitos pelos dois erros e portanto, contemplam um materialista e um mágico com o mesmo prazer. O tipo de roteiro que é usado neste livro pode facilmente ser construtivo para qualquer um que tenha aprendido o "pulo do gato", ou seja, já tenha um mínimo de conhecimento sobre nossos adversários; mas para qualquer um que tenha intenções escusas a respeito do uso deste material já adianto: Não conte comigo !

Os leitores são advertidos a conceituar o Diabo como um mentiroso; nem tudo que o Screwtape diz poderia ser assumido como verdade, mesmo do seu próprio ponto de vista. Não tenho tentado identificar qualquer dos seres humanos das cartas; mas creio ser improvável que as personalidades (ou papéis que representam) digamos, o Pastor Spike ou a mãe do paciente, fossem exatos. Há pensamentos ansiosos tanto no Inferno quanto na Terra.

Concluindo, foi feito pouco esforço para concatenar a cronologia das cartas. A carta de número XVII parece ter sido composta antes do racionamento de guerra ficar sério; mas em geral, o método diabólico de contar datas não tem qualquer relação com o tempo terrestre, e portanto, não me preocupei em entendê-lo ou reproduzí-lo. A história da Guerra Européia, a não ser vagamente, num caso ou outro em que venha a envolver aspectos espirituais de um ser humano, com certeza não interessaria a Screwtape.

C. S. Lewis,
Magdalen College,
5 de Julho, 1941

INTRODUÇÃO

Foi durante a Segunda Guerra Mundial que as Cartas do Inferno apareceram em colunas do Guardian (agora extinto). Espero que elas não tenham apressado a sua morte. Mas, com certeza, fizeram-no perder dentre seus leitores, pelo menos um: determinado clérigo do interior teve oportunidade de escrever ao redator cancelando sua assinatura sob a alegação de que "muitos dos conselhos veiculados por aquelas cartas lhe pareciam não somente errados mas até mesmo diabólicos". Entretanto, em geral elas alcançaram tal receptividade que o autor jamais sonhara que chegaria a tanto. As críticas literárias mostraram-se ora inchadas por aquela espécie de ira que demonstra ao escritor de que o seu alvo teria sido, de fato, atingido. A procura do livro foi, desde o início, prodigiosa e assim tem continuado de modo crescente. Na realidade, a venda nem sempre significa o que os autores esperam. Se o leitor pretender avaliar o número dos que lêem a Bíblia pelo número de Bíblias que são vendidas, certamente incorrerá em grande erro. As Cartas do Inferno, dentro de seus limites, estão expostas à mesma sorte de ambigüidade. É livro do tipo que se costuma oferecer a afilhados, do tipo que costuma ser lido em voz alta por ocasião dos retiros. E até mesmo, como já observei com um riso algo forçado, daquele tipo de livros que são deixados nos quartos de hóspedes, para que ali permaneçam sem qualquer manuseio. Por vezes, tais livros são comprados por motivos ainda menos plausíveis. Certa senhora conhecida do autor descobriu que a bela atendente que lhe enchia bolsas de água quente no hospital, havia lido As Cartas do inferno. Foi-lhe dado também saber o porquê: A senhora sabe, disse a moça, fomos advertidas de que nas entrevistas, depois de serem respondidas as perquntas relacionadas com assuntos reais e técnicos, a diretoria e outros às vezes fazem perguntas sobre nossos interesses de modo geral... Nesse caso, a melhor coisa é respondermos que gostamos de ler. Assim sendo, recebemos uma lista de cerca de dez livros de leitura mais ou menos agradável, com a recomendação de que deveríamos ler pelo menos um deles. E você escolheu as Cartas do Inferno? Bem, de fato o escolhi, pois era o que tinha menos páginas. Ainda, depois de descontarmos essas ninharias, o livro conseguiu leitores autênticos em número suficiente para que valha a pena ao autor responder a algumas perguntas que tem surgido em várias mentes. A mais comum delas é se eu admito mesmo a existência do Diabo. Ora, se por Diabo o inquiridor queria dizer a existência de um poder oposto a Deus e, como Deus, auto-existente desde a eternidade, a resposta é sem dúvida, não! Nenhum ser não-criado existe alem de Deus. Deus não tem nenhum ente que lhe seja oposto. Nenhum ser poderia jamais alcançar uma tão "perfeita maldade" que se opusesse à perfeita bondade de Deus. Quando, pois, se tirasse a esse ser oposto todas as espécies de coisas boas: a inteligência, a vontade, a memória, a energia e a existência própria, nada mais lhe restaria.

A pergunta mais cabível é: Se eu admito a existência de diabos. Admito-a, sim. Isto quer dizer o seguinte: Creio na existência de anjos e admito que alguns destes, pelo abuso do livre arbítrio, tornaram-se inimigos de Deus e, por decorrência desse fato, também são nossos inimigos. A tais anjos podemos chamar diabos. Não diferem, quanto à essência, dos bons anjos, mas a natureza deles é depravada. Diabo opõe-se a anjo no sentido em que dizemos que homem mau é o oposto a homem bom. Satanás, o líder ou ditador dos diabos, não é ente oposto a Deus e,sim ao arcanjo Miguel. Assim admito, não como se tal coisa constituísse uma parte essencial de meu credo, mas no sentido de que é uma de minhas opiniões. Minha religião não cairia em ruínas caso fosse demonstrada a falsidade desta opinião. Até que seja demonstrada tal falsidade - é difícil serem arranjadas provas de fatos negativos - prefiro manter minha opinião. Tenho sempre para mim que ela concorre para explicar muitos fatos. Está em consonância com o sentido claro das Escrituras, com a tradição do Cristianismo e com o modo de crer da maioria dos homens, através dos tempos. Alem do mais, esta

opinião não colide com coisa alguma que qualquer das ciências tenha demonstrado como verdadeira. Poderia parecer desnecessário (mas não o é) acrescentar que a crença na existência dos anjos, tanto bons como os maus, não significa admitir a forma de sua representação, quer na arte, quer na literatura. Os diabos são retratados com asas de morcego e os anjos bons com asas de pássaro, não porque alguém afirme que a depravação moral haveria de transformar penas em membranas, mas porque a maioria dos homens gosta mais dos pássaros que dos morcegos. As asas (as quais nem todos tem) lhes são atribuídas para sugerir a rapidez de energia intelectual sem impedimento algum. A forma humana lhes é atribuída pelo fato de que o homem é a única criatura racional que conhecemos. As criaturas mais elevadas do que nós na ordem natural, sejam elas incorpóreas ou sejam dotadas de algum tipo de corpo animado, inacessível à nossa experiência, tem de ser representadas simbolicamente - ou não seriam jamais representadas.

Tais formas não são só simbólicas, mas sempre foram tidas como simbólicas por todos os pensadores. Os gregos jamais admitiram que os deuses fossem realmente tal como seus escultores os representavam, dotados da bela compleição humana. Consoante a poesia grega, quando um deus deseja "aparecer" a um mortal qualquer, assume temporariamente a forma de um homem. A Teologia Cristã, quase sempre tem explicado os "aparecimentos" angélicos desta maneira. "Somente os ignorantes" dizia Dionísio no V século, "sonham que os seres espirituais são realmente como homens alados". Nas artes plásticas, essas representações simbólicas vem se degenerando paulatinamente. Os anjos de Fra Angélico estampam nas faces e gestos a paz e autoridade celestiais. Mais tarde, surgem os anjinhos de Raphael, nus e rechonchudos. Finalmente, surgem os anjos meigos, delgados e delicados da arte do século XIX, anjos de compleição tão feminina que só não parecem sensuais por causa de sua insipidez. São como eunucas frígidas, usadas para o serviço no Paraíso. Esses símbolos (todos eles) são perniciosos. Nas Escrituras, as visitações angélicas são sempre alarmantes e assim se apresentavam: "- Não temas". O anjo da era vitoriana parece dizer com simplicidade: "- Estou aqui " ou "- Olá, gente". Os símbolos literários são ainda mais nocivos por não serem tão facilmente reconhecidos como sendo simbólicos. Os empregados por Dante são os melhores, mas em contrapartida, ficamos horrorizados com seus anjos. Seus diabos, como acertadamente observou o Ruskin, por sua ferocidade, despudor e rebeldia são muito mais semelhantes àquilo que na realidade deveriam ser do que na imaginação de Milton. Os demônios pensados por Milton, por causa da majestade e elevação poética que os adorna, tem causado grandes males (aliás, seus anjos devem demasiado a Homero e a Raphael). Entretanto, a imagem mais perniciosa de todas nos é dada através do Mefistófeles de Goethe. É Fausto, e não Mefistófeles, quem mostra verdadeiramente o egocentrismo impiedoso insano e feroz concentrado em si mesmo, que é a própria característica do Inferno. Mefistófeles, por ser caracterizado como um espirituoso, civilizado, sagaz e facilmente adaptável, tem colaborado para que se alimente a falsa idéia de que o mal proporciona (de alguma maneira) a liberdade, quando já se tornou patente que o que ocorre é justamente o inverso. Os homens conseguem evitar a prática de erros cometidos por alguém importante; fiz o possível para que meu simbolismo não caísse no erro de Goethe, pelo menos, porque trabalhar com humorismo exige certo sentido de proporção, alem da capacidade de alguém contemplar-se a si mesmo como se estivesse olhando pelos olhos de outra pessoa externa. Podemos responsabilizar qualquer ser que haja pecado pelo orgulho por um oceano de culpas, mas não por esta. Chesterton disse que Satanás caiu pelo efeito da Força da Gravidade. Podemos imaginar o Inferno como sendo uma situação em que todos estão preocupados com conceitos como dignidade e progresso pelos próprios esforços, onde todos se sentem ofendidos, e se debatem tomados por paixões fatais como a inveja, a vaidade e o ressentimento. E estes são apenas alguns dos elementos. Admito que prefiro morcegos do que burocratas. Vivo nesta época de grandes e "brilhantes" administradores. Os maiores males já não acontecem nos perversos "redutos criminosos", que Dickens tanto apreciava descrever. Nem sequer

nos hediondos campos de concentração. Nestes campos, apenas temos visão dos resultados de outros males que foram praticados antes, causando estes mesmos campos. A verdade, porem, é que os maiores males e crimes são criados, arquitetados e executados em escritórios bem limpos, atapetados, refrigerados e bem iluminados por homens de colarinho branco, unhas bem cuidadas; estão sempre bem barbeados e jamais precisam elevar seu tom de voz.

Por causa disso, os símbolos que eu uso para falar do Inferno se originam da burocracia de um estado onde a polícia domina ou do ambiente característico de escritórios de certos estabelecimentos comerciais terrivelmente imundos. Acho bem mais concreto e sugestivo. Milton diz que "diabo maldito com diabo maldito mantém sólida concordância". Tudo bem, mas como? Certamente não é pelos laços da amizade ou fraternidade verdadeiras, pois qualquer ser que possa amar ainda não é um diabo. Mais uma vez, creio que o Simbolismo que usei pareceu útil, pois me permitiu, por comparações terrenas fazer uma boa idéia de outra sociedade que só se mantém por causa do medo e da ambição. Superficialmente, as maneiras são normalmente delicadas, pois um tratamento rude para com seu superior seria suicídio; e quando um superior falasse com um subordinado, se o fizesse com rispidez ou rudeza, isto faria com que os mesmos subordinados ficassem prevenidos antes que o chefe estivesse pronto para dar a "facada nas costas". Com efeito, "cobra come cobra" é o principio de toda a Organização Infernal. Todos desejam o descrédito, a derrota e a ruína de todos os outros. Em resumo, todos se tornam especialistas na propagação de falsidade e traição. As boas maneiras, as expressões de cortesia e os "elogios formais" que trocam entre si pelos "inestimáveis serviços prestados" são apenas uma casca de todas estas coisas. De vez em quando, esta casca racha, e então aparece o caldo fervente de seus ódios de um pelo outro. O simbolismo também me permitiu livrar a mente da fantasia absurda de se admitir que os demônios estão empenhados na busca desinteressada de algo a que damos o nome de Mal (com letra maiúscula,mesmo). Em meu simbolismo, não haveria lugar para espíritos tão desfigurados em seus objetivos. Os maus anjos (à semelhança dos maus homens) tem espírito puramente prático. Eles tem dois motivos para isso. Primeiro: medo da punição. Assim como os países ditatoriais (totalitários, se preferirem) tem suas prisões políticas e campos de concentração, da mesma forma, o Inferno que eu pinto contem Infernos mais profundos, que funcionam como "casas de correção". O segundo motivo vem de uma certa espécie de fome. Imagino que os demônios podem, no sentido espiritual, devorar-se uns aos outros, e a nós também. Mesmo no contexto de vida humana, vemos a paixão dominar (quase mesmo devorar) uma pessoa à outra. Isto faz com que toda a vida emocional e intelectual do outro sejam a tal ponto apagadas que se reduzam a meros complementos da própria paixão. O indivíduo passa então a odiar como se o agravo fosse sobre si mesmo, devolver ofensas como se ele tivesse sido ofendido, enfim, tem sua individualidade totalmente dissolvida, assimilando desta forma a do objeto de sua paixão. Embora na Terra chamem isto de "amor", imagino que passe longe do conceito de amor que Deus nos legou (ver I Co 13). No Inferno, identifico este tipo de sentimento com a fome; e neste Inferno, a fome é mais feroz e a satisfação desta mais viável.

Não havendo corpos, o espírito mais forte pode realmente absorver o mais fraco, deleitando-se assim de modo permanente na individualidade destruída do mais fraco. É por isso (suponho eu) que os diabos desejam conquistar espíritos humanos, bem como os espíritos uns dos outros. Também é por isto que Satanás anseia por todos os membros de seu exército e por todos que nascem de Eva e mesmo (ainda que pretensiosamente) pelos exércitos do Céu. O sonho que ele acalenta é o do dia em que tudo esteja em seu interior, de modo que qualquer um que disser "Eu" só possa dizer através dele. Poderíamos compará-lo à aranha inchada, em contraposição à bondade infinita segundo a qual Deus torna homens em servos, e estes servos em filhos, de modo a serem no final reunidos a Ele, não como "almas absorvidas", mas como indivíduos aprimorados, desfrutadores de todo o deleite e

prazer que a presença de Deus proporciona. Em síntese, Deus se compraz em pedir ao homem sua individualidade, mas tão logo o homem a cede, o maior prazer de Deus é devolvê-la aprimorada. Deus bate à porta, ao passo que o Diabo a arromba. O Espírito Santo enche, os diabos possuem. Assim mesmo, como acontece nos contos dos irmãos Grimm, estas coisas são apenas criações de fantasia e simbolismo. É o motivo pelo qual minha opinião pessoal sobre os diabos, mesmo precisando ser colocada, não tem maior importância para o leitor destas Cartas. Para os que participam de meus conceitos, meus diabos serão simples símbolos de uma realidade concreta; para outros, eles serão personificações abstratas, de forma que o livro terminará sendo uma alegoria. Fará assim pouca diferença o modo pelo qual você o leia, pois o propósito das Cartas não é fazer especulações em torno da vida diabólica, e sim lançar luzes, partindo de um novo ângulo (no caso, o do Inimigo) sobre a vida dos homens. Disseram-me que não sou o primeiro neste campo, e que alguém no século XVIII, escreveu cartas atribuindo-as ao diabo. Não tive oportunidade de ver estas cartas. Mas é verdade que devo algumas posições a outros autores. Fico satisfeito de reconhecer o débito com "Confissões de uma mulher bem intencionada" de autoria de McKenna. Os pontos concordantes podem não estar bem claros, mas é fácil verificar a mesma inversão moral: os pretos ficam brancos e os brancos ficam pretos e o humor que existe em falar através de uma "pessoa" totalmente desprovida de humor. Suponho que minha idéia relativa ao canibalismo espiritual, com toda a probabilidade deve alguma coisa às cenas horrendas de "absorção" que se encontram descritas nas "Viagens para Arcturus" de David Lindsay. Os nomes que escolhi para os demônios também tem dado margem para muitos comentários, todos eles errados. A verdade é que eu só quis dar-lhes um aspecto horripilante (como no sentido espiritual e intelectual eles tem) e - talvez isso se deva também a algumas idéias de Lindsay - usando para isso o som. Uma vez que um nome tivesse sido inventado, eu podia imaginar o que quisesse (sem nenhuma autoridade, concordo, mas nenhum homem a teria mais que eu) quanto às associações psicológicas que um nome feio pudesse dar de um ser de essência feia. Freqüentemente recebi solicitações e sugestões para escrever mais cartas, mas, por muitos anos, não tive a menor inclinação para fazer algo no sentido. Embora admita que me custou muito pouco esforço escrever as Cartas, também é fato que nada do que escrevi me trouxe tão pouco prazer. Foi fácil porque o trabalho de escrever cartas atribuindo-as a um diabo, uma vez escolhido o método, chega a ser mecânico, ou seja, o próprio método fornece os assuntos. Os assuntos se sucedem de tal forma que podemos escrever milhares de páginas, bastando para isso se deixar levar pela inspiração. Entretanto, embora seja fácil levar a mente a raciocinar diabolicamente, isso não proporciona prazer, ou pelo menos não por muito tempo. O esforço implicaria em uma estafa espiritual, pois o mundo em que eu tinha que me projetar enquanto sublimava a mente de Screwtape era todo pó, areia, fome, sede e cócegas. Todos os vestígios de beleza, frescura e verdade tinham de ser excluídos, e isso quase me sufocou antes mesmo de chegar ao fim. Outra coisa que me deixou aflito em tal livro foi ele não ser uma obra original a ponto de ninguém poder escrever algo semelhante.

Idealmente, a orientação prestada por Screwtape a Wormwood deveria ser contrabalançada pelo conselho de um Arcanjo a um anjo protetor do paciente. Sem isto, o quadro da vida humana parece estar inclinado para o lado adversário de Deus. Entretanto, quem poderia suprir tal deficiência? Mesmo que alguma pessoa - que teria que ser muito melhor que eu - chegasse a escalar as alturas celestiais necessárias, qual seria o estilo que se teria que empregar? Porque este estilo teria de ser tão sublime quanto o assunto. Não bastaria ministrar conselhos, cada sentença teria de emanar o aroma celestial. E atualmente, mesmo que se pudesse escrever em prosa igual à de Trahrnes, não se lhe permitiria fazê-lo, uma vez que os ditames do funcionalismo tem inabilitado a literatura relativamente à metade das funções que lhe pertencem. (No fundo, todo ideal estilístico não só cita normas quanto a maneira como as coisas devem ser ditas, mas também relativamente as próprias coisas que se nos permite dizer). Então, à medida em que os anos decorriam e a experiência

sufocante acarretada pela confecção das Cartas se enfraqueceu na memória, começaram a ocorrer-me algumas reflexões sobre pontos aqui e ali que demandavam a intervenção dum Screwtape . Estava resolvido a não escrever nenhuma outra carta. Surgiu-me vagamente a idéia de algo como uma preleção ou como um estudo-idéia ora esquecida, ora relembrada, mas que nunca chegava a ser escrita. E foi então que me chegou às mãos um convite do Saturday Evening Post que me fez por mãos à obra.

MAGDALENA COLLEGE, CAMBRIDGE
18 de Maio de 1960.
CLIVE S. LEWIS

CARTA Número I

Meu Caro Wormwood:

Prestei bastante atenção no que você disse acerca de conduzir as leituras do seu paciente, tomando cuidado para que ele assimile bastante daquele amigo materialista. Mas você não está sendo um pouquinho ingênuo nesta tarefa? Parece-me que você está se convencendo (não sei baseado em quê) que através da argumentação você pode afastá-lo da influência do Inimigo. Isso até seria aceitável, se seu paciente tivesse vivido alguns séculos atrás, pois naquele tempo os humanos ainda sabiam distinguir quando uma coisa havia sido provada ou não. E se tivesse sido, os homens a aceitavam e mudavam sua maneira de agir e de pensar, somente seguindo uma corrente de raciocínio. No entanto, devido à imprensa semanal e a armas semelhantes, alteramos bastante este contexto. Parta do princípio que sua vítima já se acostumou desde criança a ter uma dúzia de filosofias diferentes dançando em sua cabeça. Ele não usa o critério de "VERDADEIRO" ou "FALSO" para conferir cada doutrina que lhe apareça (seja do Inimigo ou nossa). Ao invés disso, ele verifica se a doutrina é "Acadêmica" ou "Prática", "Antiquada" ou "Atual", " Aceitável" ou "Cruel". O jargão e a expressão feita (e não o argumento lógico) são seus melhores aliados para mantê-lo longe da Igreja. Não perca tempo tentando levá-lo a concluir que o Materialismo seja verdadeiro (sabemos que não é). Faça-o pensar que ele é Forte, Violento ou Corajoso - ou ainda, que é a Filosofia do Futuro! Este é o tipo de coisas que lhe despertarão a atenção. Percebo que você tem intenções produtivas, mas há um problema muito grande quando tentamos persuadir o paciente a passar para nosso lado pelo emprego de argumentos e lógica: isto conduz toda a luta para o campo do Inimigo, que para azar nosso também sabe argumentar (e melhor do que nós). Por outro lado, no que diz respeito à propaganda prática (ainda que falsa) que lhe sugeri, Ele tem se mostrado por séculos bem inferior ao Nosso Pai lá de Baixo. Pela pura argumentação, você despertará o raciocínio do paciente; uma vez que a razão dele desperte, quem poderia prever o resultado? Veja que perigo! Mesmo que uma cadeia de raciocínio lógico possa ser torcida de modo a nos favorecer, isso tende a acostumar o paciente ao hábito fatal de questionar as coisas, analisando as mesmas com visão geral, e desviando-se das experiências ditas "concretas", que na verdade são apenas experiências sensíveis e imediatas. Sua maior ocupação deve ser portanto a de prender a atenção da vítima de modo a jamais se libertar da corrente do "Se eu vejo, creio!". Ensine-o chamar esta corrente "Vida Real", e jamais deixe-o perguntar a si próprio o que significa "Real". Lembre-se que ele não é puramente espírito como você. Nunca tendo sido humano (É abominável a vantagem do Inimigo neste ponto) você não percebe o quanto os humanos são escravizados à rotina. Uma vez, tive um paciente, ateu convicto, que costumava fazer pesquisas no Museu Britânico. Um dia, estando ele a ler, notei que seu pensamento esvoaçava com tendência a um caminho errado. Com efeito, o Inimigo ali estava ao seu lado, naquele momento. Antes que desse por mim, vi o meu trabalho de vinte anos começando a desmoronar. Se tivesse entrado em pânico e tentado argumentar, eu estaria irremediavelmente perdido. Mas não fui tolo a esse ponto! Recordei da parte da vítima que mais estava sob meu controle e lembrei-lhe que estava na hora de almoçar. O Inimigo acho lhe fez uma contra-sugestão (você bem sabe como é difícil acompanhar aquilo que Ele lhes diz) de que a questão que lhe surgira na mente era mais importante do que o alimento. Penso ter sido essa a técnica do Inimigo porque quando lhe disse "Basta! Isto é algo muito importante para se meditar num final de manhã...", vi que o paciente ficou satisfeito. Assim, arrisquei dizer: "É muito melhor se você voltar ao assunto depois do almoço e estudar o problema com cabeça mais fresca. Não havia acabado a frase e ele já estava no meio do caminho para a rua. Na rua, a batalha estava ganha. Mostrei-lhe um jornaleiro gritando "Olha o Jornal da Tarde", e o Ônibus No.73 que ia passando, e antes que ele tivesse dado muitos passos, eu o tinha convencido de que sejam lá quais forem as idéias extraordinárias que possam vir à mente de alguém trancado com seus livros, basta uma dose de "Vida

Real" (que ele entendia como o ônibus e o jornaleiro gritando) para persuadí-lo que "Aquilo Tudo" não podia ser verdade de jeito nenhum. A vítima escapara por um fio, e anos mais tarde, gostava de se referir àquela ocasião como "senso inarticulado de realidade, que é o último salva-vidas contra as aberrações da simples lógica". Hoje, ele está seguro, na Casa de Nosso Pai. Começa a perceber ? Graças a processos que ensinamos em séculos passados, os homens acham quase impossível crer em realidades que não lhes sejam familiares, se estão diante de seus olhos fatos mais ordinários. Insista pois em lhe mostrar o lado comum das coisas. Acima de tudo, não faça qualquer tentativa de usar a Ciência (digo, a verdadeira) como defesa contra o Cristianismo. Certamente, as Ciências o encorajariam a pensar em realidades que a visão e o tato não percebem. Tem havido tristes perdas para nós entre os cientistas da Física. Se a vítima teimar em mergulhar na Ciência, faça tudo que você puder para dirigi-la para estudos econômicos e sociais, acima de tudo, não deixe que ela abandone a indispensável "Vida Real". Mas o ideal é não deixar que leia coisa alguma de Ciência alguma, e sim lhe dar a idéia de que já sabe de tudo e que tudo que ele assimila das conversas nas "rodinhas" são resultados das "descobertas mais recentes". Não se esqueça que sua função é confundir a vítima. Pela maneira como alguns de vocês, diabos inexperientes falam, poderiam até pensar (que absurdo!) que nossa função fosse ensinar!

Seu afetuoso tio,

Screwtape

CARTA Número II

Meu Caro Wormwood:

Vejo, com muito desgosto que sua vítima tornou-se um cristão. Nem por sonho alimente a esperança de que poderá escapar aos castigos normais; com efeito, em seus melhores momentos, espero que você nem mesmo pense em tal coisa. Enquanto isso é preciso que façamos o possível para remediar essa situação tão indesejável. Não é necessário cairmos no desespero, conta-se por centenas esses convertidos em idade adulta que foram reconquistados, depois de uma breve estada nos arraiais do Inimigo e agora se encontram conosco. Todos os hábitos do paciente, tanto intelectuais quanto físicos, estão ainda a nosso favor. Aliás, um dos maiores aliados que temos hoje é a própria Igreja. Não me interprete mal. Não me refiro à pestilenta Igreja que vemos difundida através dos séculos por toda parte com suas raízes na Eternidade, terrível como um invencível exército com suas bandeiras. **ESSE** espetáculo confesso que traz insegurança e inquietação aos mais corajosos entre nós. Para nossa sorte, ESTA Igreja é inteiramente invisível aos olhos humanos. Tudo que seu paciente pode contemplar é o prédio inacabado, (pretendendo um estilo gótico) em seu bairro novo. Entrando ali, o paciente vê o dono da quitanda local, com uma expressão de bem-aventurança no rosto, e que se apressa em lhe oferecer um livrinho já bem gasto contendo uma liturgia que ninguém consegue entender mais, e mais um outro livrinho caindo aos pedaços que contem vários textos (corrompidos, por sinal) de poemas religiosos (a maioria, péssimos) e ainda por cima, impressos em letra miúda (chego a pensar que nós os escrevemos) de forma a dificultar ao máximo a leitura. Ao assentar-se num dos bancos e olhar ao redor, o paciente vê justamente os vizinhos que até então evitara. Você deverá acentuar bem na imaginação do paciente alguns detalhes daqueles vizinhos.Faça com que sua mente fique a flutuar entre uma expressão como o corpo de Cristo e os rostos concretos que ele pode ver nos bancos próximos. Interessa muito pouco saber qual seja, na realidade, o tipo de pessoas acomodadas naqueles outros bancos. Pode ser quer você saiba que um de entre eles é ferrenho batalhador nas fileiras do Inimigo. Não há problema. Esse paciente, graças a Nosso Pai lá de Baixo, não passa de um tolo. Contanto que alguns dos seus vizinhos ali estejam cantando desafinados, ou usem sapatos barulhentos, ou tenham dupla papada, ou estejam trajados com ternos antiquados, o paciente poderá logo admitir muito facilmente que a religião de tais semelhantes terá de ser, portanto, de certa forma, ridícula. No estágio em que ele se encontra, compreender o conceito que faz dos cristãos lhe parece espiritual; na verdade, é um conceito totalmente imaginário. Sua mente está cheia de togas e sandálias e armaduras e pernas nuas (restos duma película situada no século I, de modo que, o simples fato de que outras pessoas na igreja estejam a trajar roupas modernas constitui-se numa real - embora seja isso inconsciente - dificuldade para ele. Nunca deixe que essa dificuldade chegue à tona: nunca permita que ele inquira a respeito de como esperava que esses cristãos fossem. Faça força por conservar tudo confuso em sua mente agora, pois assim você terá em que distrair-se por toda a eternidade, dando-lhe o tipo de esclarecimento que o Inferno oferece. Aproveite-se quanto possível, então, da decepção, ou do forte contraste que com certeza virá ao paciente no decorrer das primeiras semanas de freqüência à igreja. O Inimigo permite que o referido desapontamento ocorra na fase inicial de todos os esforços dos seres humanos. Ocorre quando o adolescente que experimentara verdadeiros enleios ao ouvir as histórias da Odisséia passa depois a estudar, com afinco, a língua grega. Ocorre quando os noivos finalmente se casam e começam a real tarefa de aprender a viver junto. Em todas as áreas da vida, esse desapontamento assinala a transição necessária entre as aspirações sonhadas e a realização trabalhosa. O Inimigo se expõe a esse risco porque acalenta a curiosa fantasia de tornar esse nojento vermezinho humano a que Ele chama de seus livres amigos e servos - filhos é a palavra que Ele emprega em sua preferência costumeira por degradar todo o mundo espiritual mediante relações não naturais que estabelece com

os animais bípedes humanos. À liberdade dos referidos animais Êle, por conseqüência, recusa-se a atraí-los só pelas afeições e pela força de hábito a qualquer dos objetivos que intente com eles. Ele os deixa "agir por si mesmos" (não é incoerente ?) Mas felizmente, nisto está uma ótima oportunidade para nós (se aproveitada, claro). Como assim, você diria? Fácil: Se eles saem destes apertos iniciais sem se "arranhar", se tornam mais independentes de suas emoções, e com isso, fica muito mais difícil tentá-los. Até aqui, tenho escrito longamente sempre imaginando que as pessoas sentadas nos demais bancos não dão motivos específicos para o tal desapontamento. Com efeito, se derem motivos - se o paciente souber que aquela mulher de chapéu esquisito é profundamente viciada em jogos de azar, ou que o indivíduo dos sapatos barulhentos é avarento e ganancioso - então seu trabalho como tentador fica muito mais fácil. Você só precisa banir da mente da vítima esta linha de reflexão: "Se eu, sendo o que sou, posso aceitar que até certo ponto sou um cristão, quem poderia distinguir os vícios destas pessoas nos bancos aí ao lado e provar que a religião deles não passa de hipocrisia e mero convencionalismo?". Você pode estar perguntando se é possível evitar esse tipo de reflexão, mesmo se tratando de uma mente humana. Saiba que é sim, Wormwood, pode acreditar! Manipule-o corretamente e verá que isto jamais lhe passará pela cabeça. Seu paciente não terá ainda tempo suficiente de convivência com o Inimigo para aprender acerca da humildade real. O que diz, mesmo quando de joelhos, sobre sua vida pecaminosa, é mera conversa de papagaio. No fundo, ele ainda acha que no balanço da conta-corrente do Inimigo a sua situação é mais favorável, pois ele consentiu em se deixar converter, e acha uma extrema prova de humildade e desprendimento o fato de freqüentar a igreja com essa "corja" de semelhantes medíocres. Faça tudo para mantê-lo o maior tempo possível neste estado de pensamento.

Afetuosamente, seu tio.

Screwtape

CARTA Número III

Meu caro Wormwood:

Alegra-me sobremodo o que você me diz a respeito das relações desse homem com sua mãe. Mas você tem de tirar maior vantagem: pode ser que o Inimigo esteja operando de dentro para fora, conduzindo o paciente gradativamente à adoção dos padrões novos propostos à sua conduta de modo que a qualquer momento possa fazê-lo submisso à antiga senhora. É preciso que você seja o primeiro a entrar. Ponha-se em contato com nosso colega Absinto, que tem aquela mãe a seu cargo, e vocês dois procurem arquitetar no íntimo do paciente, um hábito eficiente e propício, de provocar mútuos aborrecimentos: chatices diárias. Os métodos que passo a sugerir são muito úteis:

1. Mantenha a mente da vítima presa à vida interior dele mesmo, posto que sua atenção se volta presentemente para aquela versão expurgada dos referidos estágios de amadurecimento da alma, que é tudo quanto você lhe deve conceder que contemple. Encoraje isto! Mantenha-lhe a mente abstraída relativamente aos deveres mais elementares por insistir em que ela se dirija só para os deveres mais avançados e mais espirituais. Faça mais grave essa característica humana que são o horror e a negligência para com as coisas mais simples. Você poderá levá-lo a condição na qual se torna possível o auto-exame durante uma hora sem que fiquem descobertos fatos a respeito de si mesmo que seriam absolutamente claros aos que tenham convivido com ele no mesmo escritório.

2. Sem dúvida é quase impossível impedir-lhe que interceda por sua mãe, mas temos meios para fazer com que tal intercessão fique nula. Certifique-se de que as orações sejam sempre muito espirituais, de modo que o paciente se preocupe incessantemente com o estado da alma de sua mãe e não com seus "reumatismos". Duas são as vantagens que daí provem. Em primeiro lugar, a atenção do paciente ficará presa naquilo que ele mesmo considera como sendo pecados dela, por cujas expressões, com alguma diligência que você exerça, ele poderá ser induzido a definir esses pecados maternos como ações dela que lhe pareçam irritantes ou inconvenientes. Assim você poderá manter "arranhantes" todos os problemas mais diários, mesmo quando ele estiver prostrado de joelhos. A operação não é das mais complicadas e você irá achá-la bastante recreativa. Em segundo lugar, desde que suas idéias acerca da alma da mãe são muito cruas e freqüentemente erradas, ele estará de uma certa forma, orando por uma pessoa imaginária, e sua tarefa é fazer com que a pessoa imaginária se distancie mais e mais da mãe real - a velha senhora de língua afiada no café da manhã. Com o passar do tempo, você poderá alargar esta distância a tal ponto que nenhum pensamento ou sentimento vindo de suas orações possa fluir para a personagem real. Já tive pacientes tão bem manipulados que poderiam mudar num instante de uma apaixonada oração pelas "almas" de sua esposa ou filhos para o espancamento e insulto dos familiares reais sem constrangimento algum.

3. Quando dois seres humanos viveram juntos por muito tempo, usualmente aparecem tons de voz e expressões faciais de um que quase enlouquecem de fúria ao outro. Trabalhe em cima disso! Traga à lembrança de seu paciente aquele especial arquear de sobrancelhas que ele aprendeu a detestar desde a infância, e convença-o de quanto ele detesta este trejeito. Faça com que ele assuma que ela sabe perfeitamente o quão irritante é esta mania e por isso mesmo faz a tal careta de propósito só para atormentá-lo - se você souber trabalhar, ele nunca desconfiará da imensa improbabilidade de tal presunção. E é claro, nunca o deixe perceber que alguns tons de voz e expressões faciais dele a aborreçam da mesma forma. Já que ele não pode se ver ou ouvir pela ótica dela, isto é de fácil execução.

4. Na vida doméstica civilizada, aparecem expressões que aparentariam total inocência se escritas no papel (ou seja, as palavras em si não são ofensivas), mas ditas com certo tom de voz, ou num dado momento ou com certo sorriso, assemelham-se a autênticas bofetadas na cara. Visando manter este jogo bem aceso, você e o Absinto devem estudar todos os detalhes a fim de manter esta dupla de idiotas com também duplo padrão de personalidade e comportamento. Seu paciente deverá cobrar que tudo que ele disser seja tomado ao pé da letra e julgado simplesmente pelo teor das palavras, ao mesmo tempo em que ele faz exatamente o oposto com tudo que a coroa disser, julgando cada tom, gesto, expressão facial como formas veladas de agressão. Ao mesmo tempo, Absinto deverá encorajá-la à mesma atitude. Assim, depois de cada briga, cada um deles poderá sair convencido (ou quase convencido) de que estava totalmente inocente. Você sabe aquele tipo de papo: "Eu só pergunto a que horas irá sair o jantar e ela fica toda nervosinha!" Desde que este hábito tenha sido bem estabelecido, você terá a divertidíssima situação em que um humano diz coisas que visem ofender ao seu próximo e depois se mostrem indignados quando o próximo se manifesta de fato ofendido. Finalmente, conte-me algo sobre a posição espiritual da velhota. Ela está ciumenta devido ao novo fator na vida do filho? Estará desgostosa de que ele haja aprendido de terceiros - e tão tardiamente - o que ela supõe ter dado a ele desde a mais tenra infância? Ela considera que ele estaria fazendo demasiado alarde em torno do caso? Ou que ele aceitou de estranhos com a maior facilidade o que ela nunca conseguiu inculcar-lhe? Lembre-se do irmão mais velho na Parábola do Inimigo...

Afetuosamente, seu tio

Screwtape

CARTA Número IV

Meu Caro Wormwood:

As sugestões amadorísticas em sua última carta advertem-me que é chegada a hora de escrever a você sobre o doloroso assunto da oração. Você bem poderia ter poupado o comentário tipo "mostraram-se singularmente infelizes" sobre minhas advertências acerca das orações dele por sua mãe. Isto não é o tipo de coisa que um sobrinho devesse escrever a seu tio - nem um tentador aprendiz ao sub-secretário de um departamento. Sua postura revela também um pouco recomendável desejo de fugir à responsabilidade; você precisa aprender a pagar por seus próprios desacertos. A melhor coisa, quando possível, é manter o paciente totalmente fora da intenção séria de orar. Quando o paciente é um adulto recentemente reconciliado ao partido do Inimigo, como é o caso do seu homem, o melhor é encorajá-lo a se lembrar (ou pensar que se lembra) da natureza de conversa de papagaio em suas orações de infância. Em contraposição a isso, ele deve ser persuadido a aspirar algo inteiramente espontâneo, mais íntimo, informal e sem sistematização; e o que isso irá realmente significar para o principiante consistirá em um esforço para produzir em si mesmo um estado vagamente devocional, no qual a real concentração de vontade e inteligência simplesmente não existem. Um de seus poetas, Coleridge, deixou registrado que não orava "com movimentos dos lábios e joelhos dobrados", mas simplesmente "dispunha seu espírito a amar" e entregava-se a um "sentimento de súplica". Este é exatamente o tipo de oração que queremos; e desde que o referido tipo sustenta uma certa semelhança com a oração silenciosa que é praticada por aqueles que já estão bem adiantados no serviço do Inimigo, pacientes "amadurecidos" ou preguiçosos podem ser conduzidos completamente nesta sistemática por longo tempo. No mínimo, podemos persuadí-lo de que a posição corporal não faz diferença em suas orações; pois eles constantemente se esquecem de que são animais, e por isso tudo que seus corpos fazem afeta suas almas e espíritos.

É divertido como os mortais sempre nos pintam como "colocando coisas em suas mentes": na realidade, nosso melhor trabalho consiste justamente em evitar que certas coisas cheguem a suas mentes. Se isto tudo falhar, você deverá retroceder em um sutil mau encaminhamento de sua intenção. Sempre que os homens estão procurando fazer a vontade do Inimigo nós estamos derrotados, mas há formas de evitar que eles façam assim. A mais simples destas formas é desviar a contemplação deles do Inimigo para eles próprios. Mantenha-os na introspecção de suas próprias mentes e na tentativa de produzir sentimentos "nobres" interiores por sua própria vontade pessoal. Quando, por exemplo, eles forem pedir ao Inimigo o dom da compaixão, deixe-os, ao invés disso, iniciar uma tentativa de produzir sentimentos de compaixão por suas próprias energias e não se aperceberem que é isso que estão fazendo. Quando eles começarem a orar por coragem, dê-lhes uma convicção de serem dotados de bravura. Quando eles disserem que estão orando pelo perdão, leve-os a já se sentirem perdoados. Ensine-os a avaliar a eficácia de cada oração pelo seu sucesso em produzir o sentimento desejado; e nunca permita que eles suspeitem que o sucesso ou fracasso deste gênero depende de como eles estejam no momento, seja dispostos ou doentes, lépidos ou cansados. No entanto, o Inimigo não estará ocioso neste ínterim. Aonde houver oração, há sempre o perigo de uma ação Sua imediata; Ele é cinicamente indiferente à dignidade de Sua posição, e à nossa, como puramente espíritos, destarte, estando os animais humanos prostrados sobre seus joelhos, Ele lhes passa o auto-conhecimento de uma forma completamente indigna (quase sem-vergonha). Mas mesmo que Ele o derrote em sua primeira tentativa, nós ainda temos uma arma sutil. Os humanos não possuem essa percepção direta do Inimigo, a qual nós, infelizmente, não podemos evitar.

Os mesmos animais nunca conheceram essa luminosidade mortífera, que dilacera e esse resplandecer abrasador que se torna um fundo de dor interminável em nossa existência. Se olhar para o interior da mente de seu paciente quando ele está orando, jamais encontrará nada dAquilo. Se você, ainda, examinar o objeto ao qual ele serve, irá encontrar o que seria um objeto complexo, contendo muitos ingredientes completamente ridículos. Ali haverão imagens derivadas de figuras do Inimigo como Ele apareceu durante o pouco digno de crédito episódio conhecido como A Encarnação: também há imagens vagas - de todo selvagens e infantis- associadas às duas outras Pessoas da Trindade. Haverá mesmo algo de sua própria reverência (e das sensações corporais que a acompanham) que busca construir um objeto a ser associado ao Objeto real de adoração. Eu tenho conhecido casos onde o que o paciente chamava de seu "Deus", estava na verdade localizado ao alto e à esquerda do forro no quarto de dormir, ou dentro da própria cabeça, ou em um crucifixo na parede. Mas seja lá qual for a natureza do objeto fabricado pelo paciente, você tem que manter o alvo de sua oração NISTO - na coisa que ele mesmo fez e nunca na Pessoa que o fez. Você pode até encorajá-lo a dirigir grande importância à correção e melhoramento do objeto de seu culto, bem como manter o dito objeto sempre em sua mente, durante qualquer oração. Pois se ele vier a fazer a distinção, se ele conscientemente dirigir suas orações "Não ao que eu penso que Tu és, mas ao que Tu sabes ser", nossa situação será, no momento, desesperadora! Desde que todos os seus pensamentos e imagens tenham sido descartados para longe, ou se retidas, retidas com o conhecimento total de sua natureza meramente subjetiva, e o homem passe a confiar na completamente real, externa e invisível Presença que se encontra com ele no quarto, e que jamais será dele conhecida tanto quanto o conhece - Ufa ! - danos incalculáveis poderão vir sobre nós. A fim de evitar esta situação - esta real pureza de alma na oração - você será auxiliado pelo aspecto de que os seres humanos não desejam tanto esta pureza quanto eles mesmos supõem. Permanece sempre o medo de receberem mais do que haviam reivindicado receber.

Seu afetuoso tio

MORCEGAO

CARTA Número V

Meu Caro Wormwood:

É um pouco decepcionante esperar um relato detalhado acerca do seu trabalho e receber, ao contrário, aquela breve rapsódia que você enviou à guisa de carta. Você diz que está "delirante de alegria" porque os humanos europeus iniciaram outra de suas guerras. Eu percebo muito bem o que tem acontecido com você...

Você não está delirando, está somente embriagado. Passeando pelas entrelinhas exageradas do seu relatório sobre a noite passada em claro pelo paciente, posso reconstituir seus estados mentais com uma razoável exatidão. Pela primeira vez em sua carreira você prova do vinho que é a recompensa para todo o nosso esforço: a angústia e a perplexidade de uma alma humana - e isto subiu à sua cabeça. É difícil para mim reprová-lo por isso. Não espero cabeças amadurecidas sobre ombros ainda jovens. O paciente respondeu a alguma de suas aterrorizantes expectações para o futuro? Você trabalhou em alguns repentes saudosos do seu passado feliz? Alguns sutis pavores no íntimo do estômago dele, não foi? Você tocou seu violino de maneira estupenda, não? Bem, bem, tudo isso é muito natural... Mas lembre-se bem, Wormwood, que a obrigação vem antes da diversão! Se alguma negligência ou desleixo de sua parte culminar na perda de nossa vítima, você ficará eternamente sedento por este trago refrigerante de que você se deliciou com uma primeira gota. Se, por outro lado, pela aplicação calculada e fria de seus esforços aqui e agora você puder "assegurar" sua alma, ela ir ser sua eternamente - uma vida qual cálice transbordante de desespero, horror e perplexidade que você poder levar aos lábios quantas vezes quiser. Apenas não permita que nenhuma excitação passageira o distraia de seu real trabalho de minar o alicerce de fé do paciente, bem como evitar nele a formação de virtudes. Mande-me (e sem falta!) na próxima carta um relatório completo das reações do paciente à guerra, afim de que consideremos o melhor a fazer; torná-lo um extremista patriota ou um ardente pacifista. Existe toda a sorte de possibilidades. Mas de antemão, já o previno a não esperar grande coisa de uma guerra. Concordo que uma guerra é recreativa. O medo e sofrimento imediato dos humanos é um legítimo e agradável refrigério para nossa miríade de ocupados trabalhadores. Mas que benefício permanente isso pode nos dar se não pudermos conduzir almas para Nosso Pai Lá de Baixo? Quando vejo o sofrimento temporário de humanos que finalmente nos escapam, sinto como se me tivessem permitido provar o couvert de um rico banquete e impedido de saborear o resto. É pior do que se nem tivesse provado! O Inimigo, fiel a seus bárbaros métodos de guerrear-nos, permite-nos (é indecente!) ver a curta miséria de Seus favoritos somente para provocar-nos e atormentar-nos zombando da nossa incalculável fome, a qual durante a presente fase do grande conflito, Seu bloqueio nos impõe. Vamos, então pensar mais em como usar do que nos divertir com esta guerra européia. Pois a guerra tem algumas caraterísticas próprias, que por si só, não estão a nosso favor. Podemos esperar por muita crueldade e depravação. Mas se não formos cautelosos, teremos o desprazer de ver milhares de vidas se voltando para o Inimigo dentre suas tribulações, enquanto dezenas de milhares, que não chegarão a ir tão longe, irão constantemente desviar a atenção de si mesmos para valores e causas que acreditam serem elevados e dignos. Eu sei que o Inimigo desaprova muitas destas causas. Mas é aí mesmo que Ele mostra sua má-fé e deslealdade! Ele freqüentemente recompensa humanos que dedicam e dão suas vidas por causas que Ele mesmo considera ruins, com a monstruosa sofisma de que os humanos pensavam estar fazendo o que era bom, e seguiam o melhor caminho que conheciam...

É realmente execrável! Passar por cima de tudo que se pensa por conveniências. Considere também que mortes indesejáveis podem acontecer durante uma guerra: Homens são mortos em lugares onde

já sabem poder morrer a qualquer instante e, portanto se pertencem às fileiras do Inimigo, já vão preparados para morrer. Muito melhor seria para nós se todos os seres humanos morressem dentro de lares luxuosos e caros, com médicos ao redor que mentem, enfermeiras que mentem, amigos que mentem, conforme os treinamos, para que dêem ao moribundo uma visão de vida mais longa do que terá, estimulando-o a crer que a doença desculpa todos os excessos que passam a cometer, e claro, se nossos agentes souberem trabalhar, imaginar que a presença de um pastor ou obreiro do Inimigo possam revelar ao doente seu verdadeiro estado. E quão desastrosa para nós é a lembrança contínua da morte que a guerra oferece. Uma de nossas melhores armas, que é o mundanismo desenfreado, torna-se completamente inútil. Durante uma guerra, até o mais ignorante dos humanos não pode acreditar que viverá para sempre! Sei que o Pestilência e outros têm encontrado ótimas oportunidades para bombardear a fé, no ambiente das guerras, mas creio que tal visão de trabalho é exagerada. Os humanos do partido do Inimigo tem sido suficientemente advertidos por Ele de que o sofrimento é parte essencial do que Ele mesmo chama Redenção, de sorte que este tipo de f, que pode ser destruído por uma guerra ou epidemia, bem, creio que nem vale a pena o esforço de destruí-la. Estou falando agora do sofrimento disseminado por longo tempo que uma guerra acarreta. Concordo que no exato instante de terror, privação ou dor física você pode pegar seu homem, já que sua razão fica confusa por algum tempo. Mas se ele por infelicidade se dirigir ao quartel-general Inimigo, quase sempre Ele irá defendê-lo enviando prontamente um esquadrão de guerreiros furibundos dos quais, se tiver um pingo de bom-senso, você fugirá com toda a velocidade de que dispuser no momento.

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número VI

Meu Caro Wormwood:

Fico encantado ouvindo que a idade e profissão do seu paciente permitem a possibilidade, ainda que não a certeza, de que ele seja chamado para o serviço militar. Desejamos que ele fique na máxima incerteza, e que sua mente fique cheia de aspectos contraditórios do futuro, para que cada um desses aspectos provoque nele esperanças e receios. Não há nada como o suspense e a ansiedade para levantar pela mente humana uma autêntica barricada contra o Inimigo. Ele deseja homens ocupados com o que fazem, ao passo que nós trabalhamos para deixá-los preocupados com o que irá acontecer a eles.

Seu paciente já terá a essa altura - concordo - absorvido a noção de que deve submeter-se pacientemente à vontade do Inimigo. O que o Inimigo quer dizer com isso é que o homem deve receber com resignação todas a tribulação jogada sobre ele - as mesmas que produzem o presente estado de suspense e ansiedade. É nesta ótica que o paciente deve dizer "Seja feita a Tua vontade!", e no tocante à responsabilidade diária de suportar esse fardo, ele deverá pedir que lhe seja dado o pão de cada dia. É seu dever cuidar para que o paciente nunca imagine o seu presente medo como uma cruz que lhe está destinada, mas sim gaste todo o tempo possível com os temores que o assombram. Aja no sentido de que o paciente considere tudo como verdadeiras cruzes; deixe-o a pensar que já que elas não tem nada a ver uma com a outra, que não podem todas lhe acontecer ao mesmo tempo, e portanto, treine-o para praticar a resignação e paciência pelas provações muito antes que elas tenham sequer começado a acontecer. Pois a real resignação para uma dúzia de coisas diferentes (e imaginárias) é quase impossível, e o Inimigo não se mostra lá muito interessado nas pessoas que tentam conseguir essa "virtude". A resignação por sofrimentos reais e presentes, ainda quando o sofrimento é formado apenas por medo, é muito mais facilmente socorrida pela ação direta do Inimigo.

Uma importante lei espiritual está contida aqui. Já lhe expliquei que você pode enfraquecer suas orações pelo desvio de suas atenções do Inimigo Real para os estados de mente que ele alimenta com relação ao Inimigo. Por outro lado, é extremamente mais fácil assenhorear-se do medo quando a mente do paciente está desviada do objeto amedrontador para o medo em si, considerado com um estado presente e insuportável em sua mente, e quando o homem considera o medo como a cruz que ele deve carregar (inapelavelmente) como um estado em sua mente. Podemos, portanto, formular a regra geral: Em todas as situações mentais que nos favoreçam, encoraje o paciente a se despir da autoconsciência e se concentrar puramente no objeto em si; mas em todas as atividades favoráveis ao Inimigo, conduza sua mente de volta a ela mesma. Façamos com que um insulto ou um corpo de mulher fixe sua atenção no exterior a tal ponto que ele não possa refletir "Estou neste momento entrando em um estado de alma chamado Raiva - ou em um estado de alma chamado Luxuria." Ao contrario, faça com que as reflexões: "Estou agora acrescentando mais devoção ou caridade aos meus sentimentos", a fim de fixar sua atenção em si mesmo de tal forma que nunca mais possa olhar alem de si mesmo para ver o Inimigo ou ao seu próximo.

A respeito das atitudes gerais do paciente com relação à guerra, você não pode confiar excessivamente naqueles sentimentos de ódio que os humanos tanto gostam de discutir nos periódicos, sejam eles Cristãos ou não-Cristãos. Em sua angustia o paciente pode - reconheço - ser incentivado à vingança pessoal através de sentimentos revanchistas contra, por exemplo, os lideres alemães, e isso é coisa muito boa até onde puder ser levada. Mas usualmente, este tipo de ódio é melodramático e fantasioso, dirigido contra vitimas imaginárias. Ele jamais encontra estas pessoas na

vida real - são todas figuras pré-moldadas que ele absorve das noticias nos jornais. Os resultados deste ódio fantasioso são freqüentemente muito decepcionantes, e de todos os humanos os ingleses são os mais deploravelmente "fogos de palha" neste aspecto. Eles são deste tipo miserável de criaturas que proclamam aos gritos a tortura como a melhor opção para seus inimigos e oferecem chá e cigarros para o primeiro piloto alemão ferido que seja capturado debaixo de suas portas.

Seja o que for que você fizer, sempre sobra alguma benevolência e alguma malícia na alma do seu paciente. A grande jogada e' dirigir a malícia para seus vizinhos mais próximos (do tipo que ele veja todo dia) e dirigir sua benevolência para um círculo distante e para pessoas que ele sequer conheça. Desta forma, a malícia acaba se tornando real, e a benevolência, em ultima análise, totalmente imaginária. Não é bom que você inflame o seu ódio pelos alemães se ao mesmo tempo está crescendo um pernicioso hábito de caridade entre ele e sua mãe, seu empregador ou o homem que ele encontra no trem.

Imagine seu homem como uma serie de círculos concêntricos na qual sua vontade seja o centro, vindo após seu intelecto e finalmente, sua fantasia. Dificilmente você terá a esperança de conseguir excluir de todos os círculos tudo que tenha o aroma do Inimigo: mas você terá sucesso movendo todas as virtudes para o círculo da fantasia, ficando os defeitos e vícios que desejamos transferidos para a Vontade. Somente quando estão encravadas na Vontade, e se manifestam em atitudes e hábitos, as virtudes nos são realmente fatais. (Não estou, naturalmente, me referindo ao que o paciente chama erradamente de sua Vontade - esta névoa de consciência e exercícios de resolução e gestos agressivos, mas o real centro da personalidade, que o Inimigo chama de CORAÇÃO!).

Toda a sorte de virtudes pintadas na fantasia ou simplesmente aprovadas pelo intelecto, ou mesmo até certo ponto amadas e admiradas, não arrancariam nosso homem dos antros de Nosso Pai lá de Baixo; ao contrário, elas até fazem as vitimas mais engraçadas quando as mesmas descem ao Inferno.

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número VII

Meu caro Wormwood:

Causa-me realmente espécie sua pergunta acerca de ser essencial manter o paciente na ignorância acerca de existência. Tal questão, ao menos na presente fase da guerra, é respondida a todos nós diretamente do Alto Comando.

Nossa política no momento é de auto-ocultação. É verdade que nem sempre foi assim. Estamos realmente enfrentando um cruel dilema. Quando os humanos não acreditam em nossa existência, perdemos todo o prazer resultante do terrorismo direto e não produzimos feiticeiros, mágicos, esotéricos e assemelhados.

Por outro lado, quando eles acreditam em nós, não podemos formar materialistas e ateístas, uma vez que qualquer humano que acreditasse em nós também creria no Inimigo com facilidade.

Pelo menos por enquanto: Tenho grandes esperanças de que ainda aprenderemos no tempo devido como manipular o emocional e ao mesmo tempo mistificar sua ciência de tal forma que ela admita a crença em nós seja lá por que nome for. E mesmo sabendo que será horripilante enquanto a mente humana retiver sua crença no Inimigo, A Força Vital, a adoração do sexo e alguns aspectos da Psicanálise podem aqui se mostrar úteis. Se pudermos produzir nossa obra-prima, o Feiticeiro, um homem, que não se relacionando com, mas acreditando no que ele vagamente chame de "Forças", enquanto ao mesmo tempo nega a existência de espíritos, então o final da guerra estará próximo. Mas nesse meio tempo, precisamos obedecer nossas ordens. Não creio que seja muito complicado manter seu paciente em total escuridão. O fato de que "diabos" são figuras predominantemente engraçados na imaginação moderna irá ajudar bastante você. Se alguma débil suspeita de nossa existência começar a se formar na mente dele, sugira a ele uma figura usando malha vermelha e rabo pontudo e convença-o de que já que ele simplesmente não pode acreditar naquilo. (este é um antigo método tirado de um livro para confundi-los) também não poderá acreditar em você. Não me esqueci de minha promessa de considerar qual seria o caminho ideal para conduzir nosso paciente desde um patriota extremista até um radical pacifista. Todos os excessos, com exceção da extrema devoção ao Inimigo (a qual é tecnicamente impossível, visto os humanos estarem sempre em falta nessa área) devem ser encorajados. Não sempre, é claro, mas nesta ocasião específica. Algumas fases são indiferentes e complacentes, e então é nosso trabalho acalmá-los para que durmam de uma vez bem depressa. Outras fases, das quais a presente é uma, existe uma tendência desequilibrada ao partidarismo e é portanto nossa tarefa incendiá-lo mais ainda. Qualquer círculo fechado ou fronteira aliada a algum interesse que os homens não gostem ou ignorem tende a desenvolver dentro dos participantes uma espécie de estufa mútua de admiração, e acoplado a esta, certo deprezo pelo resto do mundo lá fora, o que é um ótimo negócio para você manipular o orgulho e o ódio sem barreiras, porque existe a "Causa" e é ela a patrocinadora de tais sentimentos e ações na medida que a mente se torna impessoal. Mesmo quando o pequeno grupo existir originalmente para propósitos do próprio Inimigo, este princípio ainda funcionará. Nosso desejo é que a Igreja permaneça pequena, não só porque poucos homens venham a conhecer o Inimigo, mas também porque, aqueles que podem adquirir a preocupação intensa com a defesa de seus direitos por fazerem parte de uma sociedade secreta ou uma facção. A Igreja em si é claro, é defendida pesadamente pelas hostes do Inimigo e, portanto ainda não tivemos nada muito bem sucedido no sentido de darmos a ela as características de uma seita; mas facções subordinadas a ela tem sido freqüentemente produzidas com admiráveis resultados, desde o partido de Paulo e Apolo em Corinto até o Alto e o Baixo Clero na Igreja da Inglaterra. Se seu paciente puder ser induzido a se tornar um obcecado pela conscientização, ele

automaticamente encontrará em si mesmo uma das pequenas, sonoras, organizadas e impopulares sociedades e os aspectos desta, para alguém novo no Cristianismo, quase sempre serão muito bons. Mas observe que é QUASE SEMPRE. Ele tem abrigado sérias dúvidas acerca da legalidade de lutar em uma guerra justa antes que a atual tivesse começado? É um homem dotado de grande coragem física e, portanto não terá problemas com medos do sub-consciente acerca dos reais motivos de seu pacifismo? Poderia ele, quando bem próximo da honestidade absoluta (nenhum humano está sempre nesse estado) se sentir plenamente convencido de que ele é totalmente movido pelo desejo de obedecer ao Inimigo? Se ele é este tipo de homem, seu pacifismo provavelmente não será grande coisa e o Inimigo cuidará de protegê-lo das conseqüências convencionais de pertencer a uma seita. Seu melhor plano neste caso, seria tentá-lo com uma súbita e confusa crise emocional, da qual ele emergisse como um ferrenho convertido ao patriotismo. Este tipo de coisas sempre pode ser controlado. Mas se ele é o homem que eu penso que é, tente o Pacifismo.

Não importando muito qual ele adote, sua tarefa sempre há de ser a mesma. Deixe-o começar a lidar com o Patriotismo ou o Pacifismo como parte de sua vida espiritual. Então, deixe-o, sob a influência do espírito de partidarismo, se convencer que ele está na parte mais importante. E finalmente, silenciosa e gradualmente, conduza-o ao palco onde a vida espiritual seja apenas uma parte da "Causa", na qual o Cristianismo seja avaliado principalmente por seus excelentes argumentos em favor do esforço de guerra britânico ou do Pacifismo. A atitude contra a qual você tem que se resguardar é em quais assuntos temporais são tratados primariamente como caminhos para a obediência. Uma vez que você o persuada a considerar o Mundo uma finalidade e a fé um meio, você quase terá vencido o seu homem, já que é muito difícil perceber a pequena diferença entre uma finalidade mundana e o que ele está perseguindo.

Uma vez providenciado para que encontros, panfletos, políticas, movimentos, causas e cruzadas comecem a ter muito mais importância para ele do que as orações, ordenanças e a caridade, ele é nosso e quanto mais religioso (nestes termos) ele for, mais seguramente nosso ele se tornará. Eu poderia mostrar a você uma gaiola cheia desse tipo de almas aqui embaixo.

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número VIII

Meu caro Wormwood:

Com que então você "tem grandes esperanças de que a fase religiosa do paciente esteja morrendo"... não é mesmo ? Eu sempre achei que o Colégio de Treinamento havia desabado em ruínas depois que o Gosmento assumiu seu comando, e agora eu passo a ter certeza mesmo! Será possível que nunca ninguém explicou a você acerca da Lei da Ondulação?

Os humanos são anfíbios – metade espíritos e metade animais. (A determinação do Inimigo para produzir estes híbridos tão revoltantes foi uma das coisas que determinou Nosso Pai a retirar o apoio que antes prestava a Ele). Como espíritos, eles fazem parte da existência eterna, mas como animais eles vivem presos ao tempo. Isso implica em que seus espíritos podem ser direcionados a objetos eternos e seus corpos, paixões e imaginações estão em contínua mudança, já que estar ligado ao tempo significa estar em mutação.

A sua característica mais próxima da constância que caracteriza tudo que é eterno é portanto a ondulação – o retorno repetido a um nível no qual ele havia caído anteriormente, ou melhor, uma série de picos e valas. Se você tivesse observado melhor seu paciente, teria observado esta ondulação em todos os departamentos de sua vida – seu interesse pelo trabalho, sua afeição pelos amigos, seus apetites físicos, tudo subindo e descendo. Portanto, você contemplará, nos períodos emocionais que ele vivencia na terra, riqueza e alegria com períodos alternados de tristeza, depressão e pobreza.

Desta forma, a sequidão e desânimo que seu paciente está atravessando agora estão longe de ser – como você imaginava – o fruto vitorioso de seu trabalho; ele está apenas atravessando um fenômeno natural que não nos trará nenhum benefício por si mesmo, a menos que você faça bom uso dele.

Uma maneira fácil de decidir qual o melhor uso desta situação é analisar o que o Inimigo está fazendo a respeito, e então fazer exatamente o oposto. Se entendêssemos toda a sistemática dEle, bastaria lutarmos sempre contra todas as suas ações e iniciativas; infelizmente, não é tão simples assim. Muitas vezes temos a impressão que Ele está fazendo coisas ruins com as pessoas, num primeiro momento, só para descobrirmos em seguida que o que nos parecia mau era outra sofisma dEle para beneficiar os vermes humanos. Como tenho explicado amiúde, Ele não tem nenhum escrúpulo com este tipo de coisa, a ponto de ficarmos totalmente confusos em algumas ocasiões – mais até do que os humanos alvos de suas ações.

Agora, uma coisa que pode surpreender você é o fato de que o Inimigo, em sua luta por conquistar almas, Ele as mantém às vezes por mais tempo nos vales desagradáveis que nos picos gloriosos, a despeito do desagrado que isso causa nos seres humanos. E alguns de Seus favoritos especiais são exatamente os que passam por aflições mais profundas e prolongadas.

A razão é essa: Para nós, um humano é primariamente comida; nosso desejo pela absorção de suas almas para dentro de nós, o aumento de nosso próprio alcance pessoal às custas deles.

Mas a obediência que o Inimigo requer deles é uma coisa totalmente diferente. Temos que encarar a realidade de que tudo que se fala a respeito de Seu amor pelos homens e sua obra de proporcionar perfeita liberdade não é (como muitos poderiam acreditar sorridentes) mera propaganda, mas uma aterradora realidade. Ele realmente quer encher o Universo com um monte destas pequenas réplicas dEle mesmo, criaturinhas cujas vidas em uma escala miniaturizada seriam qualitativamente como Ele

próprio, não porque Ele as tivesse absorvido mas porque suas vontades livres eram semelhantes à dEle. Nós queremos criar gado que finalmente nos sirva de alimento; Ele quer servos que mais tarde converterá em filhos. Nós queremos sugá-los, Ele quer premiá-los; Nos somos vazios e queremos nos encher através deles, Ele é pleno e assim transborda.

Nossa guerra visa um mundo no qual Nosso Pai Lá de Baixo tenha todos os demais seres encerrados nele mesmo; O Inimigo deseja um mundo cheio de seres unidos a Ele, mas ainda distintos e pessoais.

E é aí mesmo que a coisa aperta. Você tem freqüentemente se maravilhado porque o Inimigo não faz maior uso de Seu poder para se apresentar sensivelmente às almas humanas em qualquer grau que lhe desse vontade, e a qualquer momento. Mas agora você entende que o Irresistível e o Indisputável são as duas armas que a própria natureza do Inimigo o proíbe de usar. Apenas sobrepujar uma vontade humana (com sua própria Presença num grau que parecesse inquestionável ao homem) não valeria coisa alguma para Ele.

Ele não violenta ninguém. Ele pode apenas pedir, solicitar. Por causa de Sua ignóbil idéia acerca dos homens, algo como você comer um bolo e ainda ter o bolo inteiro com você, as criaturas terminam sendo uma coisa só com Ele, mas ainda são elas mesmas. Apenas as destruir ou absorver não só não Lhe serviria, como sequer faria algum sentido para Ele.

Ele se dá ao trabalho de voltar com eles ao começo, e os prepara com manifestações de sua Presença, a estes que apesar de suas fraquezas o vêem como Grande, docemente emotivo, e capaz de vencer facilmente qualquer tentação. Mas ele nunca permite que este estado de calma e tranqüilidade dure muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, Ele sai de perto deles, se não de fato, pelo menos de suas experiências conscientes, e de seus apoios e incentivos visíveis.

Ele deixa as criaturas em pé por suas próprias pernas – para carregá-los no colo de suas missões solitárias onde já não houvesse mais nenhum prazer ou tempero. Isto acontece durante certos períodos, muito mais que os períodos de pico, e proporciona segundo o que Ele acredita, crescimento na direção de que as criaturas se tornem as pessoas que Ele deseja.

Portanto, as orações que sobem diante dEle durante os vales de amargura e sofrimento são as que mais o agradam, normalmente. Nós podemos arrastar nossos pacientes ao longo de tentações contínuas, porque os queremos apenas para estar em nossas mesas, além de suas vontades, sem dúvida a melhor parte deles.

Já Ele, não pode tentar suas virtudes, como usamos fazer. Ele quer que eles aprendam a caminhar e então escolham segurar em Sua mão; e esse conduzir pela mão é fortemente aplicado nas situações em que eles estão lidando com seus tropeços. Mas não se deixe enganar, Wormwood! Nossa causa nunca estará mais ameaçada do que nas vezes que um ser humano, mesmo não desejando pessoalmente alguma coisa, estiver fazendo a vontade do Inimigo, ainda mais quando ele estiver observando o universo em seu redor, sem conseguir ver o menor traço do Inimigo se perguntando porque Ele o teria abandonado assim, e mesmo assim OBEDECENDO.
Mas claro que estas situações de solidão também nos beneficiam. Na próxima semana, eu lhe darei algumas dicas acerca de como explorá-las.

Seu afetuoso tio
SCREWTAPE

CARTA Número IX

Meu caro Wormwood:

Espero que minha última carta tenha convencido você de que o deserto de tédio ou "sequidão" pelo qual o seu paciente está passando atualmente não fará por si mesmo a alma dele cair em suas mãos, a não ser que seja convenientemente explorada. Passo a descrever as maneiras de aplicar a dita exploração.

Em primeiro lugar, eu tenho sempre reparado que os períodos "de baixa" das ondulações humanas fornecem excelentes oportunidades para todas as tentações sensuais, particularmente as ligadas ao sexo. Isto poderia soar estranho para você, uma vez que é claro que há energia física e portanto potenciais de apetite sexual nos períodos "de pico" dos homens; mas você precisa se lembrar também que nessas ocasiões em que eles estão sorridentes, dançando abraçados, rindo alto e cantando, enquanto tomam champagne são também os momentos em que a resistência mental e espiritual a todas as suas sugestões pecaminosas também estarão em alta. A saúde e alegria que você está tentando usar para produzir luxúria e licenciosidade pode ser facilmente canalizada em coisas como trabalho, diversão, ou alegres pensamentos desprovidos de malícia.

O ataque tem muito maiores chances de ser bem sucedido quando por alguma razão o mundo interior seu homem estiver desmazelado, frio e vazio.

E é também digno de nota que o canal de sexualidade se torna subitamente diferente em qualidade, diria mesmo que totalmente diferente das ocasiões "de pico", durante os estranhos fenômenos água com açúcar que os humanos chamam de "se apaixonar". Nessa ocasião será mais fácil desenhar dentro dele perversões, e você notará que as mesmas perversões não são contaminadas pela generosidade e compromisso espiritual os quais freqüentemente causam uma sexualidade humana tão decepcionante. Acontece assim com outros desejos da carne. Você consegue mais facilmente transformar sua vítima num alcoólatra inveterado quando lhe sugere usar o álcool como uma anestesia contra alguma dor ou tristeza que o esteja acometendo. Não espere grandes resultados quando tentar levá-lo ao vício da bebida exatamente quando ele está feliz celebrando aniversários, vitórias do seu time de futebol ou promoções na carreira profissional. Nunca se esqueça de que quando estamos lidando com qualquer forma de prazer sadio e qualquer forma de satisfação normal, de certa forma estamos pisando no terreno do Inimigo. Eu sei que nós temos alcançado muitas almas através dos prazeres; mas não nos esqueçamos que todo prazer é invenção dEle! Ele criou todos os prazeres; toda nossa pesquisa através dos séculos não foi capaz de criar uma única forma de prazer. Tudo que podemos fazer é encorajar os seres humanos a tomar os prazeres que o Inimigo criou de formas ou intensidades que Ele mesmo tenha proibido.

Toda vez que tentamos trabalhar usando condições naturais de qualquer prazer que seja no mínimo natural, o mesmo começa a exalar aquele cheiro abominável do seu Criador, como nos lembrando que pertence a Ele. Um aumento considerável no desejo pela obtenção cada vez menor do prazer relacionado é a fórmula! Isto dá mais resultado, e é portanto o melhor estilo a adotarmos. Conseguir a alma do homem dando a ele NADA em troca – é o que realmente aquece o coração de Nosso Pai Lá de Baixo. E os caminhos são o tempo para o começo do processo.

Mas existe uma forma ainda melhor de explorar os "desertos". Quero dizer, através dos próprios pensamentos do paciente a respeito do deserto. Como sempre, nosso primeiro passo é afastar o conhecimento de sua mente. Não o deixe sequer suspeitar da existência da Lei da Ondulação. Deixe-o

assumir que os primeiros ardores de sua conversão deveriam permanecer indefinidamente, e mostre-lhe que deveriam, mas passaram, e portanto a atual situação de sequidão e indiferença é uma condição igualmente permanente. Uma vez que tenha colocado essa mentira na mente dele, você pode agir de várias maneiras.

Tudo depende do tanto que seu homem seja desanimado a ponto de que o tentemos até o desespero ou do tipo de pensamentos desejosos que o conduzamos a ter achando que tudo está bem ou "sob controle". O primeiro tipo é muito raro entre os seres humanos Se seu paciente pertencer a ele, tudo será muito fácil. Você tem apenas que mantê-lo fora do caminho dos cristãos experientes (tarefa fácil hoje em dia, devido ao descaso pelo qual passa a Igreja) e dirigir sua atenção para as passagens apropriadas nas Escrituras, e então mergulhá-lo no trabalho desesperado de recuperar o "primeiro amor" por seus próprios esforços, e teremos ganho a partida.

Se ele é do tipo mais esperançoso, seu trabalho é mantê-lo na baixa temperatura espiritual que se encontra e gradualmente mudar a visão dele de forma a acreditar que ele não está tão mal assim. Em uma semana ou duas você o verá começar a duvidar se seus primeiros dias no Cristianismo não foram exagerados ou excessivos. Fale a ele acerca da "moderação em todas as coisas". Se você conseguir convencê-lo de que a espiritualidade é muito boa mas só até certo ponto, pode começar a sentir o gostinho de sua alma. Uma espiritualidade morna é tão boa para nós quanto espiritualidade nenhuma, e bem mais divertida, além disso.

Uma outra possibilidade é o ataque direto à sua fé. Quando você conseguir convencê-lo de que o deserto é permanente, você não poderia persuadi-lo também que a sua atual fase espiritual está morrendo como todas as demais fases de sua vida?

Claro que não há um caminho seguro para mover sua razão a partir da proposição "Estou perdendo o interesse nisso aqui" para a proposição "Isto é falso" Mas como eu lhe disse antes, é o jargão e não a razão que nós temos que utilizar. A simples expressão "Fase" será empregada de forma falaciosa. Concordo que a criatura passou várias vezes por ela antes – todos eles passaram - mas eles não costumam raciocinar sobre o fato de terem vencido muitas, não porque tenham o criticismo racional falho, mas apenas porque elas ficaram no passado e, portanto já não se lembram muito bem delas. Mantenha-o portanto alimentado de idéias bastante confusas acerca de Progresso e Desenvolvimento bem como dentro do Ponto de Vista Histórico, e dê a ele montes de biografias modernas para ler. As pessoas que fazem parte delas estão sempre emergindo de fases antigas, não estão?

Pegou a idéia? Mantenha sua mente fora do plano das antíteses entre Verdadeiro e Falso. Confunda na cabeça dele expressões como "Isso foi uma fase", ou "Já passei por tudo isso" e não se esqueça daquela palavra abençoada: "Adolescente".

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número X

Meu caro Wormwood:

Estou deliciado em ouvir do Tropeço que seu paciente tem feito algumas novas amizades bem desejáveis, e que você já entendeu como usá-las de maneira bem promissora. Eu enfocaria que o casal de meia-idade que tem freqüentado seu escritório é exatamente o tipo de gente que queremos que ele conheça – ricos, espertos, superficialmente intelectuais, e brilhantemente incrédulos sobre tudo neste mundo. Chamo sua atenção para o aspecto de que eles são vagamente pacifistas, não por assuntos morais, mas por um hábito já arraigado de depreciar qualquer coisa que diga respeito a pessoas comuns do povão, além de uma apreciação pouco pensante do que esteja na moda e do comunismo literário. Isso é simplesmente excelente! E aparentemente, você tem feito bom uso de toda a futilidade social, sexual e intelectual deles dois. Mas conte-me mais! Ele está profundamente ligado a esse casal? Não estou me referindo a uma ligação da boca pra fora. Há um sutil jogo de olhares, sorrisos e tons de voz que demonstra que ele faz parte do grupo de pessoas com as quais está conversando (ou seja, conotam cumplicidade com o referido grupo). Este é o tipo de envolvimento que você deve encorajar, partindo da premissa que os seres humanos não se realizam totalmente em si mesmos, e com o tempo você pode aprender a usar essa dificuldade deles. Sem dúvida ainda é muito cedo para seu paciente perceber que suas posições de fé estão em oposição direta a todas as conversas que ele tem com os novos amigos. Não creio que haja grandes problemas em você persuadi-lo a adiar ao máximo qualquer conhecimento explícito da situação, e isto, com a ajuda da vergonha, do orgulho e da futilidade será uma tarefa simples de se executar.

Quanto mais você conseguir que ele adie uma conversa aberta com a dupla, onde ele se posicione claramente como cristão, mais tempo você estará conseguindo que ele viva na falsidade. Ele silenciará quando deveria falar, e rirá quando deveria estar em silêncio. Ele assumirá primeiramente apenas pelas maneiras, e em seguida pelas palavras, toda a sorte de atitudes cínicas e incrédulas que não são realmente suas. Mas se você manipular bem a situação, pode até conseguir com que as atitudes terminem sendo dele de fato. Todos os mortais tendem a se tornar as coisas que eles pretendiam ser. Isto é elementar. O único problema real é como se preparar para o contra-ataque do Inimigo.

A primeira coisa é você retardar tanto quanto puder o momento no qual ele perceba que esta nova forma de prazer não passa de uma tentação nossa. Uma vez que os servos do Inimigo tem pregado bastante sobre "O Mundo", como uma das grandes tentações para dois mil anos, isto pode ser bastante difícil de realizar. Mas felizmente eles ultimamente têm tocado pouco nesse assunto nas últimas décadas. Nos escritos cristãos modernos ainda que eu tenha visto muito (na verdade, mais do que eu gostaria) sobre Mamom, vi muito pouco acerca das Futilidades Mundanas, a Escolha de Amigos e o Valor do Tempo. Tudo isso, provavelmente, seu paciente irá classificar como "Puritanismo" – e posso salientar de passagem que o valor que nós temos dado a esta palavra se constitui em um dos nossos triunfos realmente sólidos nos últimos cem anos?

Pelo nosso resgate anual de milhares de seres humanos da temperança, castidade e sobretudo da vida.

Mais cedo ou mais tarde, de qualquer modo, a real natureza de seus amigos tem que se tornar clara para ele, e então suas táticas tem que depender da inteligência do paciente. Se ele for um idiota completo, deixe-o assumir o caráter dos novos amigos somente enquanto eles estiverem ausentes. Suas presenças podem ser manipuladas de maneira a varrer do paciente todo o criticismo. Se isto

funcionar, ele pode ser induzido a viver, como temos conhecimento que muitos humanos vivem, por longos períodos de tempo, entre duas vidas paralelas; ele não só terá a aparência de ser, como também será um homem diferente, dependendo do círculo de amizades em que estiver numa determinada noite.

Se isto falhar, há um modo mais sutil e até bem mais divertido. Ele pode ser conduzido a acreditar que um prazer positivo na sua percepção de que os dois lados de sua vida são inconsistentes. Isto é facilmente explorável pela futilidade do paciente. Ele pode ser ensinado a apreciar uma oração de joelhos ao lado do quitandeiro no domingo, apenas porque ele se lembra que o quitandeiro não entende certamente o mundo de gente zombeteira no qual ele habita nas noites de Sábado; e ao contrário, podemos ensiná-lo a apreciar as indecências e blasfêmias que naturalmente brotam de um café com estes admiráveis amigos, em geral porque ele está atento a respeito de um mundo profundo e espiritual o qual ele simplesmente não consegue enxergar, mas não acerca do seu dia a dia nocivo e dominado por nós.

Capte a idéia – seus amigos mundanos o tocam de um lado, e o quitandeiro do outro, e ele está completo, balanceado, o complexo homem que consegue discernir tudo ao seu redor. Então, enquanto está sendo permanentemente traiçoeiro e falso a pelos menos dois grupos de pessoas, ele sentirá, ao invés de vergonha por ser hipócrita, rios contínuos de auto-satisfação. Finalmente, se todo o resto falhar, você pode persuadi-lo, como um desafio à consciência, a continuar o novo relacionamento, em algum caminho incerto e sem compromisso, considerando estas pessoas são "boas" pelo simples fato de estar tomando seus coquetéis e rindo de suas piadas, e que interromper tal relacionamento seria "pedante", "intolerante" e (é claro) Puritano.

Enquanto isso, você cuidará de tomar as precauções óbvias para se assegurar que este novo desenvolvimento o induz a gastar mais do que ele pode, por suas condições salariais e a negligenciar seu trabalho e sua mãe. Os ciúmes dela, suas preocupações exageradas e o comportamento do paciente cada vez mais evasivo e rude, serão inestimáveis no sentido de agravar a tensão doméstica.

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número XI

Meu caro Wormwood:

Tudo está obviamente indo muito bem! Estou particularmente contente por saber que os dois novos amigos dele o enturmaram com o restante da "quadrilha". Todos dentre eles, pelo que sei da imprensa oficial, são pessoas inteiramente confiáveis; pessoas estáveis, escarnecedores de primeira e mundanos até onde possam ser ter cometido nenhum crime espetacular. São pessoas que estão silenciosa progressiva e confortavelmente a caminho da casa de Nosso Pai.

Você fala deles como sendo grandes gracejadores... Eu confio que isso não queira dizer nada, digo, esta impressão de que o riso esteja sempre a nosso favor. E este ponto merece alguma atenção.

Eu divido as motivações para o riso humano em Exprimir Alegria, Se Divertir, Achar Graça e Zombaria ou Irreverência. Você verá o primeiro tipo entre amigos e amantes reunidos na véspera de um feriado. Entre adultos sempre existe pretexto no rumo de piadas, mas a facilidade com que os menores gracejos produzem risadas mostra que o gracejo em si não é a causa principal do riso. O que é a causa principal é exatamente o que nós não sabemos ainda. Alguma coisa do tipo é vista durante execuções da detestável arte humana conhecida por "Música", e algo parecido com isso ocorre nos Céus - uma aceleração sem motivo aparente no ritmo das atividades celestiais totalmente incompreensível por nós. O riso por causa de razões assim não é bom para nós, e por tanto deve ser sempre desencorajado. Além do mais, trata-se de um fenômeno nojento e um insulto direto ao realismo, dignidade e austeridade do Inferno.

Achar graça é algo estreitamente relacionado à alegria – um tipo de frivolidade emocional que brota do instinto de brincar. Isso é de quase nenhuma utilidade para você. Pode ser usada, de acordo, para divertir humanos a partir de alguma coisa contrária ao que o Inimigo gostaria que eles se divertissem: mas a diversão em si mesma já traz tendências indesejáveis; ela promove caridade, coragem, contentamento e muitos outros males horríveis.

O gracejo propriamente dito, o qual é gerado normalmente pela súbita percepção da incongruência, é um campo muito mais promissor. Não estou imaginando primariamente o humor obsceno ou indecente, o qual tem sido largamente usado por tentadores de segunda-categoria e freqüentemente traz decepções no tocante aos resultados. Na verdade, os seres humanos são maravilhosamente divididos em dois grandes times, no que diz respeito a esse assunto: Há alguns para quem nenhuma paixão é tão importante quanto a lascívia e para os tais, uma história indecente perderá toda a lascívia no exato momento que se tornar engraçada. E existem outros cuja sensualidade e gracejo são disparados ao mesmo tempo pelas mesmas coisas e situações. Os do primeiro tipo fazem piadas a respeito do sexo porque isso gera polêmicas e assuntos desencontrados. Já os do segundo time cultivam diversos assuntos com a finalidade de terminar sempre os mesmos assuntos falando de sexo. Se seu homem for da primeira categoria, o humor picante não vai ajudar você em nada – nunca me esquecerei das horas horrendamente entediantes que desperdicei com um de meus primeiros pacientes, antes que tivesse aprendido esta regra. Descubra a qual grupo seu paciente pertence e cuide para que ele não se aperceba nem de longe do fato. A única finalidade útil realmente das piadas e do humor em geral está numa direção diferente, e é particularmente promissora entre os ingleses, os quais levam o "senso de humor" tão a sério, que uma deficiência nesta área lhes causa vergonha profunda. O Humor é para eles o objeto de consolo para tudo, e portanto é exatamente a área onde se permitem fazer quaisquer coisas que tenham vontade no momento. Alguns acreditam piamente que sem humor, a vida

não tem a menor graça, e portanto o mesmo humor se torna um real ídolo para eles. Ou seja, em nome de "terem senso de humor", se permitem fazer as coisas mais desavergonhadas possíveis. Se um sujeito sempre deixa os amigos pagarem sua conta no restaurante, rapidamente seria qualificado como "mão de vaca". Mas se nas ocasiões que isso acontecer ele fizer piadas, gozando os amigos explorados e chamando a ele mesmo de avarento, um fenômeno estranho acontece: Todos passam a vê-lo não como sovina, mas como um sujeito engraçado. A simples covardia é profundamente vergonhosa. Mas se a adornarmos com um monte de gracejos e comentários exagerados (tipo brincarmos com um soldado que fugiu e abandonou seus companheiros numa hora difícil, dizendo que ele tem medo das baratas do quarto, e o mesmo fazendo caretas quando comentassem) a covardia se tornará como num passe de mágica apenas uma coisa engraçada. A crueldade é terrível para os humanos, e inaceitável, a menos que o homem cruel possa ser representado de forma cômica e espalhafatosa. Milhares de anedotas imorais, ou mesmo blasfemas, não destruiriam tanto a alma de um indivíduo quanto a descoberta de que o mesmo possa praticar e até proclamar atos reprováveis, desde que os cerque de graça e comicidade. As pessoas podem mesmo admirar o pecador, olvidando as faltas cometidas em nome de dar risada delas. Qualquer excesso que ela percebesse estar cometendo seria imediatamente abafada debaixo da idéia que isso seria "puritanismo" ou simplesmente falta de senso de humor.

Mas a melhor dentre todas as causas mencionadas é certamente a leviandade. Para começar, ela é bastante econômica. Sempre que um ser humano mais inteligente consegue fazer alguma piada enfocando uma virtude pode contaminar seus companheiros no sentido de que as virtudes sejam engraçadas. Com algum tempo (e com seu trabalho dedicado) as mesmas pessoas criarão ao redor de suas mentes uma verdadeira armadura contra o Inimigo, no tocante a todas aquelas virtudes que eles andaram gracejando. A leviandade é ótima, em todos os aspectos. Fica a milhares de quilômetros da verdadeira alegria, e ainda tem a vantagem de não despertar nenhum afeto entre as pessoas do grupo que a estão exercitando.

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número XII

Meu caro Wormwood:

Obviamente, você tem feito excelente progresso. Meu único receio se baseia na possibilidade de você empurrar o paciente para a perdição tão rapidamente que ele despertasse para o discernimento de sua real posição. Para eu e você, que vemos tal posição como realmente é, jamais deve ser esquecido o quanto isso tudo deve parecer para ele. Sabemos que conseguimos introduzir uma grande mudança de direção no curso da vida dele, a qual já o está tirando da órbita em redor do Inimigo; mas ele precisa ser levado a acreditar que todas as escolhas recentes que tem feito são triviais e revogáveis. Ele não pode ser conduzido a suspeitar que está agora, ainda que lentamente, sendo dirigido diretamente do Sol para uma linha na qual o estamos carregando para o frio e escuridão do vazio absoluto.

Por esta razão, estou quase alegre ao ouvir que ele ainda é um freqüentador da igreja e ainda participa da Ceia do Senhor. Conheço bem os perigos que existem nisso, mas qualquer coisa é melhor do que se ele fizesse uma comparação séria a respeito do que tem feito nos últimos dias e do que fazia nos primeiros meses de sua vida cristã. Enquanto ele ainda mantiver externamente os hábitos de um cristão, ele pode ser manipulado para imaginar a si mesmo como alguém que apenas adotou alguns novos amigos e diversões, embora seu estado espiritual continue o mesmo de seis semanas atrás. E enquanto ele pensar assim, não temos que lutar com o arrependimento explícito de qualquer posição, totalmente reconhecida como pecaminosa, mas apenas lidarmos com um sentimento vago, ainda que receoso, de que ele não tem se comportado lá muito bem ultimamente.

Esta referida inquietação do paciente precisa ser manipulada com muito cuidado. Se tornar-se muito forte, pode acordar o paciente e destruir o jogo inteiro. Por outro lado, se você o esconder totalmente – coisa que provavelmente o Inimigo não permitirá que você faça – deixaremos de contar com um elemento extremamente útil na situação como um todo: se tal sentimento é levado a permanecer, mas nunca se torna irresistível e desabrocha como arrependimento genuíno, isso termina levando seu homem a uma tendência inevitável – o aumento gradativo da relutância em pensar no Inimigo. Quase todos os seres humanos tem um pouco desta relutância; mas quando pensar na Pessoa dEle inclui o confronto e a intensificação de uma nuvem totalmente vaga de culpabilidade semi-consciente, esta relutância cresce dez vezes mais. Os homens passam a odiar qualquer idéia que sugira Ele, da mesma forma que um homem com dificuldades financeiras detestaria a visão de um extrato bancário. Neste estado, seu paciente irá não só omitir, como começará a abominar seus deveres espirituais. Ele irá pensar a respeito deles o mínimo que puder, mantendo a decência, e se esquecer dos mesmos o mais rápido que puder, assim que os tiver concluído. Poucas semanas atrás, você teve que tentá-lo para a não-objetividade e desatenção nas suas orações; já agora você o encontrará de braços abertos e quase suplicando a você que o distraia de suas obrigações e lhe entorpeça o coração. Ele mesmo irá querer que suas orações sejam bem irreais, pois não há nada que ele tema mais que o contato efetivo com o Inimigo. Ele terá como alvo deixar as minhocas na sua cabeça dormindo.

Conforme esta condição for se tornando mais estabelecida, você irá sendo gradualmente liberado da insuportável tarefa de estar providenciando prazeres para as tentações. Uma vez que a inquietação e a relutância em encará-la afastam dele mais e mais a felicidade real, e visto como a monotonia da rotina habitual faz com que os prazeres provenientes da vaidade, excitação e irreverência se tornem cada vez menos aprazíveis e cada vez mais difíceis de se abandonar (pois é exatamente isto que o

hábito rotineiro faz com qualquer prazer) você observará que quase nada ou mesmo nada será suficiente para atrair sua atenção errante. Você não precisará mais de um bom livro, do qual ele realmente goste, para mantê-lo longe de suas orações ou de seu trabalho ou de seu sono; uma coluna de conselhos do jornal de ontem será suficiente. Você pode agora levá-lo a desperdiçar seu tempo não somente em conversas que ele aprecia com pessoas que ele goste mas em conversas com quem ele não ligue a mínima e assuntos que o aborreçam. Você pode conduzi-lo neste esquema por longos períodos. Pode mantê-lo acordado até tarde da noite, não numa farra homérica, mas apenas observando o fogo que se apaga na lareira de uma sala gelada. Todas as atividades sadias e sociáveis que desejamos que ele evite podem ser objetos de inibição sem que tenhamos que lhe dar absolutamente NADA em troca, de forma que no final ele possa dizer, como um de meus pacientes falou quando chegou aqui. "Eu agora vejo que gastei a maior parte da minha vida fazendo nada do que eu queria ou gostava." Os cristãos descrevem o Inimigo como aquele sem o qual nada é forte. E na verdade, nada é realmente muito forte. Digo, forte o suficiente para roubar de um homem seus melhores anos, não em doces pecados mas em uma sombria e melancólica divagação de sua mente, de forma a ele não saber o que nem o porquê da satisfação das curiosidades tão voláteis que o homem nem mesmo chega a discernir com exatidão, no estalar de seus dedos e bater dos calcanhares, no assobio de melodias que ele detesta ou no longo, enevoado labirinto de fantasias que nem mesmo contam com a sensualidade e ambição para ter algo de prazeiroso, mas uma vez que exista alguma associação casual com o pecado, a criatura está fraca e confusa demais para se desvencilhar daquilo. Você poderá comentar que todos estes são pecados muito pequenos; e sem dúvida alguma, como todos os tentadores inexperientes, você está ansioso para relatar alguma maldade espetacular. Mas você precisa se lembrar que a única coisa que realmente interessa é a extensão da distância a que você possa levá-lo do Inimigo. Não importa o quão desprezíveis sejam os pecados usados neste efeito cumulativo, desde que continue aumentando a vala que conduz a vítima cada vez mais para longe da Luz e cada vez mais para dentro do Nada. Assassinato não é melhor que jogo de cartas se as cartas podem realizar o engano. Com efeito, a estrada mais segura para o Inferno é a gradual – a ladeira suave, com chão suave, sem curvas acentuadas, sem avisos de quilometragem e sem placas indicativas de sinalização.

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número XIII

Meu caro Wormwood:

Está me parecendo que você gastou um imenso número de páginas para contar uma história extremamente simples. No frigir dos ovos, você deixou o homem escapar por entre seus dedos. A situação é muito grave, e eu realmente não vejo nenhuma razão para tentar livrar você das conseqüências de sua ineficiência. Um rompante e renovo do que o outro lado chama de "Graça" na escala que você me descreveu é uma derrota de primeira grandeza! Isto tem o peso de uma segunda conversão e provavelmente a mesma terá um nível mais profundo que a primeira.

Como você forçosamente deveria saber, a nuvem asfixiante que evitou seu ataque ao paciente no seu caminho de volta do velho moinho é um fenômeno já bem conhecido. É a arma mais bárbara de que faz uso o Inimigo, e geralmente se manifesta quando Ele está pessoalmente presente com o paciente de maneiras ainda não bem compreendidas por nós. Alguns dentre os seres humanos estão permanentemente rodeados por aquilo, e são totalmente inacessíveis para nós. E agora, vamos às suas mancadas. De acordo com seus próprios comentários, você permitiu, primeiramente, que o paciente lesse um livro do qual realmente gostava, apenas por gostar dele, e não para fazer comentários espertos sobre o livro com os novos amigos. Em segundo lugar, você permitiu que ele fizesse uma caminhada ao velho moinho e tomasse um chá lá – o que equivale dizer, um passeio por uma região da qual ele realmente gosta, e estando sozinho. Em outras palavras, você permitiu que ele usufruísse livremente de DOIS prazeres reais. Será possível que você seja ignorante a ponto de não conhecer o perigo nisso tudo? A grande característica nos prazeres e nos sofrimentos é que eles são insofismavelmente reais, e, portanto, não importa quão longe eles consigam ir, eles proporcionam ao homem algo como uma "caída de ficha" para comprovação da realidade. Desta forma, se você vinha tentando danar seu homem pelo método Romântico – fazê-lo uma espécie de Romeu apaixonado, submerso em murmurações por uma infelicidade imaginária do tipo "sem Julieta, a vida não faria sentido" – deveria tê-lo protegido a todo custo de passar por alguma dor verdadeira; por que é evidente que apenas cinco minutos com uma dor de dente real revelaria a ele que o sofrimento romântico não fazia sentido algum e assim seu estratagema seria desmascarado na hora! Mas se você estava tentando desgraçar seu paciente através do Mundo, ou seja, através da exploração da vaidade, da jactância, da ironia e o tédio em relação aos prazeres. Como foi possível você não perceber que experimentar um PRAZER REAL devia ser a última coisa permissível a ele? Não entende que você deveria ter previsto que tal experiência mataria instantaneamente (pelo contraste) toda a coleção de jóias falsas que você trabalhosamente havia dado a ele e o ensinado a valorizar? E que também o tipo de prazer que a leitura do livro e o passeio ao moinho deram a ele são o maior perigo para nós? E que este mesmo tipo de prazer arrancaria a crosta de engano que você vinha colocando na mente dele, dando-lhe mesmo a sensação de estar de volta em casa totalmente recuperado. O plano preliminar que você empregou para afastá-lo do Inimigo terminou por afastá-lo de si próprio e você até que tinha feito alguns progressos. Agora, tudo desmoronou. Entendo qual foi sua confusão... É claro que estou ciente de que o Inimigo também quer tirar o foco dos homens de si mesmos, mas o modo é totalmente diferente. Lembre-se sempre que o Inimigo realmente gosta destes vermezinhos, e atribui um valor absurdo a respeito das características individuais de cada um deles. Quando Ele diz que os homens devem de fato renunciar a si mesmos, na verdade isso quer apenas dizer abandonar a prioridade na satisfação do seu "eu", mas tão logo eles conseguem fazer isso, o Inimigo lhes devolve novamente toda a essência de suas personalidades, e ainda se vangloria (temo eu que Ele seja sincero no que diz) que quando os homens se rendem totalmente a Ele passam a ser mais do que eram anteriormente. A partir daí, enquanto Ele se delicia ao ver os homens

sacrificando mesmo suas coisas mais inocentes à vontade dEle, Ele mesmo odeia quando os bípedes rastejantes mudam sua natureza ou sacrificam suas coisas queridas por qualquer razão que não seja Ele. Quanto a nós, sempre estaremos encorajando-os a que façam isso! Os mais profundos sentimentos e impulsos de todos os homens são nossa matéria-prima, o ponto de partida com o qual o Inimigo os tem dotado. Toda vez que conseguimos tirar de algum indivíduo algum destes traços de personalidade, marcamos um gol! Mesmo que pareçam coisas inofensivas, sempre nos é interessante substituir as preferências, gostos e pretensões reais dos seres humanos por outros padrões, como o mundano, os convencionalismos sociais e a moda e portanto devemos afastar os homens dos gostos e desgostos pessoais reais. Sou radical a ponto de estabelecer uma regra no sentido de tentar arrancar do paciente todo e qualquer gosto pessoal que não constitua um pecado definido, mesmo se tratando de coisas tolas como uma competição esportiva, uma coleção de selos ou beber Coca-Cola. Estas coisas, é claro, sequer possuem alguma virtude em si mesmas; mas há uma espécie de inocência, humildade e auto-esquecimento nelas que me deixam desconfiado. O homem que verdadeiramente e desinteressadamente aprecie qualquer coisa no mundo apenas por causa dela mesma, sem estar preocupado em coisa alguma sobre o que os outros pensem a respeito, estará muito bem armado contra alguns de nossos mais sutis métodos de ataque. Você sempre deverá tentar fazer o paciente abandonar as pessoas, comidas ou livros dos quais realmente goste em favor das "melhores pessoas", "mais adequadas comidas" e "importantes livros". Eu conheci um ser humano que resistiu bravamente a todas as tentações em ascender a escala social, até que descobri como despertar nele um prazer fortíssimo pela lingüiça frita com cebola.

Resta considerarmos o que fazer para consertar os prejuízos deste desastre. A coisa mais importante a fazermos é conseguir que o paciente não faça mais nada. Enquanto ele não conseguir transformar a mudança de vida em ações, não importa muito o que ele pense a respeito dessa reconciliação. Deixe que ele fique como um animalzinho dando voltas em redor disso. Leve-o a meditar muito no assunto, a escrever um livro sobre isso, freqüentemente essa é uma forma excelente de esterilizar as sementes que o Inimigo planta na alma humana. Permita que ele faça qualquer coisa, menos AGIR. Nenhuma quantidade de piedade em sua imaginação e sentimentos poderá nos causar qualquer problema, desde que mantenhamos tudo isso longe da sua VONTADE. Como um dos seres humanos mesmo disse, os hábitos ativos são fortalecidos pela repetição, ao passo que os passivos se enfraquecem pela mesma continuidade. Quanto mais vezes ele se sentir inativo, menos ele se disporá a agir, e ao longo do tempo, menos ele conseguirá sentir alguma coisa.

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número XIV

Meu caro Wormwood:

O mais alarmante no seu último relatório do paciente é que ele não está mais fazendo nenhuma resolução exagerada, como na época da sua conversão original. Nada de promessas impossíveis de virtude eterna, nada de frases do tipo "nunca mais farei isso", pelo contrário, ele permanece satisfeito com a espera da porção de Graça para sua vida, mas tão somente a porção diária e a mixaria necessária para suportar a próxima hora de tentação sem pecar. Isto é realmente MUITO RUIM !

Só vejo uma saída para o quadro presente: Seu paciente tem se tornado humilde, não é? Você tem conseguido chamar a atenção dele para este aspecto? Todas as virtudes são menos formidáveis assim que o homem percebe que as têm, mas isto é especialmente marcante com relação à humildade! Surpreenda-o num momento em que estiver mergulhado na mais profunda pobreza de espírito e contrabandeie sua atenção para um pensamento da linha "Caraca! Mas não é que estou mesmo me tornando humilde?" Você observará quase imediatamente a aparição de uma vaidade – a vaidade pelo fato de ser humilde. Se ele se tocar quanto ao perigo e tentar abafar esta nova forma de orgulho, faça-o orgulhoso por ter conseguido, e assim por diante, em quantos degraus que você considere necessário. Mas não mantenha este jogo por muito tempo, claro, pois isso poderia despertar o senso de humor dele e seu senso de proporção. Se isso ocorrer, ele simplesmente dará risada na sua cara e irá tranqüilamente para a cama.

Há porém maneiras bem lucrativas de prender a atenção dele na virtude da Humildade. A respeito desta virtude – bem como das demais – o Inimigo quer tirar a atenção dos homens de si mesmos, canalizando-a nEle mesmo e nos próximos do paciente. Todo o trabalho que Ele realiza, bem como seu cuidado pessoal está tão somente voltado para conseguir isso dos seres humanos. Na verdade, acredito firmemente que toda esta guerra terrível só faz sentido para Ele quando consegue este tipo de objetivo destes vermes rastejantes.

Portanto, você precisa arrancar do paciente o verdadeiro sentido da Humildade. Deixe-o imaginá-la como um conjunto de opiniões a respeito de seus talentos e caráter. Alguns talentos, eu bem sei, ele possui de verdade. Fixe sua mente no aspecto de que humildade é nada menos que tentar acreditar que estes talentos não valem tanto quanto ele imagina. Não resta dúvida de que ele é mesmo menos virtuoso do que pensa, mas isso não tem nenhuma importância para nós. A melhor coisa é fazer com que ele avalie uma opinião para alguma qualidade de forma errada e se perca nestes valores, pois com isso conseguiremos introduzir um elemento de desonestidade no processo e o faremos crer piamente em mentiras interessantes. Por este método, milhares de humanos tem sido conduzidos a acreditar que a humildade significa mulheres lindas afirmarem que são feias e acreditarem nisso, bem como homens brilhantes aceitarem que ser humildes significa dizerem e acreditarem que são retardados mentais. E uma vez que ele está tentando acreditar, isso tudo pode desembocar em verdadeiras insanidades sem que ele ao menos desconfie de alguma coisa. Para se antecipar à estratégia do Inimigo, precisamos considerar Seus objetivos. O Inimigo quer trazer o homem a um estado de mente no qual ele poderia desenhar a mais extraordinária catedral de todos os tempos, e saber que de fato ela era incomparável, e se alegrar em extremo por tê-la desenhado, sem se sentir nem um miligrama menos feliz (ou mais) se soubesse que tinha sido desenhada por outra pessoa. O Inimigo quer, no final, que ele seja tão livre de qualquer opinião em seu próprio favor que consiga alegrar-se por seus próprios talentos tão francamente e agradecidamente quanto pelos talentos dos seus

semelhantes, ou por uma manhã de sol, ou ao ver um elefante ou uma cachoeira. Ele quer cada homem, ao longo de sua vida, apto a reconhecer todas as criaturas (mesmo Ele próprio) como coisas gloriosas e excelentes. Ele quer matar em todos eles o amor-próprio tão rápido quanto possível, mas em Sua política de longo-prazo, temo eu, Ele devolve a eles tudo que lhes tirou, como um novo tipo de amor-próprio que se espalha por toda a raça humana, em forma de caridade, gratidão por todos, inclusive por ele mesmo. E quando finalmente eles conseguem realmente aprender a amar seu próximo como a eles mesmos eles serão capazes de amar a si mesmos como a seus semelhantes. Pois nunca podemos nos esquecer que da mais repugnante e incompreensível característica em nosso Inimigo, que é amar realmente os bípedes lisos. Ele os criou, e sempre devolve com a mão direita tudo que lhes havia tirado com a esquerda no final das contas.

Nosso grande esforço, portanto, está em manter a mente do homem presa ao valor que ele mesmo tem. Ele os conduz a se considerarem arquitetos e poetas excepcionais por alguns instantes, para em seguida se esquecerem disso, enquanto nós fazemos de tudo para os humanos se concentrarem, gastando muito tempo e dores pensando neles mesmos como coisas péssimas. Seus esforços para instilar ou a vanglória ou a falsa modéstia no paciente irão portanto distanciá-lo do Inimigo apenas se ele fixar a mente, meditando horas e horas acerca de suas virtudes ou defeitos. Os escritos do Inimigo nunca ensinaram homem algum a meditar e ficar horas analisando a si próprios... mas felizmente outra arma poderosa que temos ainda é a profunda ignorância da raça humana acerca dos mesmos escritos.

Preciso acrescentar que o Inimigo trabalhará no sentido de que sua vítima tenha consciência de que foi criada por Ele e deve tudo a ele. Se eles não se criaram a si próprios, certamente seus talentos também não dependeram grande coisa de seus esforços pessoais. Portanto, quando um humano se orgulha por ser culto, e acha ridículo alguém se orgulhar pela cor do cabelo, apenas não percebeu que é culto porque o Inimigo lhe deu a inteligência, saúde, recursos para estudar, os livros, o tempo livre para tanto e mesmo a vontade de obter conhecimento. Mantenha-o neste tipo de ignorância, e perceberá resultados interessantes. Tenho observado que mesmo a respeito dos próprios pecados, não é intenção do Inimigo que gaste muito tempo pensando.

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número XV

Meu caro Wormwood:

Tenho reparado, é claro, que os humanos estão experimentando uma certa calmaria na sua guerra européia – que eles pateticamente chamam de "A Guerra" – e não estou surpreso de que haja uma patetice equivalente nas ansiedades do seu paciente. Estamos interessados em mantê-lo tranqüilo a respeito da guerra, ou preocupadíssimo com ela? Tanto o medo torturante quanto a calma tola são estados de mente desejáveis por nós. Nossa escolha entre uma ou outra depende de importantes questões, as quais passo a comentar.

Os homens vivem presos ao tempo, mas nosso Inimigo os destinou à Eternidade. Ele, portanto, creio eu, quer a atenção deles presa primordialmente a duas coisas: À Eternidade em si e ao ponto do tempo que eles chamam de "Presente", uma vez que o mesmo presente é exatamente o ponto do tempo que toca a Eternidade. A partir do presente momento, e somente dele, os humanos tem têm uma experiência análoga à experiência que nosso Inimigo tem da realidade como um todo em sua liberdade solitária, e Ele realmente a oferece a eles. Ele poderia então tê-los continuamente ocupados a respeito da Eternidade (o que significa estarem ocupados com Ele) ou com o Presente – ocasião para meditação sobre a união eterna deles com Ele ou a constatação de sua separação do Criador, ou ainda empenhados em obedecer à voz da consciência conformando-se em levar sobre seus ombros suas próprias cruzes, buscando graça para cada dia e mostrando gratidão por qualquer prazer presente.

Nossa tarefa é levá-lo cada vez mais para longe do eterno e do Presente. Com isto na mira, nós às vezes tentamos encaminhar um humano (seja uma viúva ou um pós-graduado) a viver no passado. Mas isto tem valor limitado, pois eles já tem algum conhecimento real do passado, e sabem que ele se apresenta com uma natureza razoavelmente definida, assemelhando-se até aí com a Eternidade. É muito melhor fazê-los viver no Futuro. As necessidades biológicas deles já fazem com que suas paixões apontem para esta direção, naturalmente. Por causa disso, seus pensamentos voltados para o que ainda virá estão cheios de esperanças e medos. Ainda por cima, ele é desconhecido para eles, portanto se conseguirmos concentrar o pensamento deles no futuro, na verdade eles estarão vivendo em um mundo irreal. Em resumo, o Futuro é, de todas as coisas, o que menos se parece com a Eternidade. Ela é a parte mais cabalmente temporal do tempo – pois o passado está definido e não flui mais, e o presente está totalmente sob o brilho dos raios eternos de luz. Partindo deste fato, temos encorajado fortemente as doutrinas como a Evolução Criadora, o Humanismo Científico ou o Comunismo, os quais fixam sempre a atenção dos homens no Futuro. Daí decorre que praticamente todos os vícios tem suas raízes no Futuro. A Gratidão olha para o Passado e o amor enfoca o Presente; mas o medo, a avareza, a luxúria e a ambição sempre estão olhando para frente. Não pense na luxúria e sensualidade como exceções. Quando o prazer presente chega, o pecado (que é unicamente o que nos interessa) já havia acontecido. O prazer é apenas a parte do processo que detestamos, e se pudéssemos, certamente o excluiríamos do processo; ele é exatamente a parte proporcionada pelo Inimigo, e é sempre experimentado no Presente. O pecado que nós conseguimos produzir, encarou o futuro.

Para ser preciso, o Inimigo também quer que os homens pensem no Futuro – mas apenas o necessário para agora planejarem seus atos de justiça e caridade, que se constituirão no seu dever de amanhã. Porém, o dever de planejar as obrigações de amanhã, é uma obrigação de hoje, e portanto, embora o conteúdo pensado e planejado esteja no futuro, o dever – como todos os deveres em geral – diz

respeito ao presente. E é portanto aqui que divergimos do Inimigo. Ele não quer os homens olhando muito para o Futuro, de forma a deixarem seus tesouros no porvir. Mas nós queremos. O ideal do Inimigo é que o homem, tendo trabalhado o dia inteiro pelo bem da posteridade (se esta for sua vocação) se despreocupe totalmente a esse respeito, confiante que os céus haverão de proporcionar os melhores efeitos a partir de seu trabalho. Ou seja, ele apenas queira cumprir seus deveres, sem grandes cuidados do que acontecerá em decorrência deles. Já nós, queremos um homem que viva se chafurdando no Futuro – assaltado pelas visões de um céu ou inferno que esteja para cair sobre ele de repente – pronto para quebrar qualquer mandamento do Inimigo no Presente, se vislumbrar que poderá ter um céu em vida no Futuro – ficando sua fé firmada na dependência do sucesso ou fracasso de situações e esquemas que ele simplesmente morrerá antes que aconteçam. Nós queremos essa raça de vermes inteira perseguindo perpetuamente o pote de ouro no fim do arco-íris, nunca sendo honesta, nunca sendo generosos, nem felizes agora, mas sempre usando todos os talentos que lhes foram dados no presente como combustível depositado no altar onde cultuam o futuro.

Segue portanto, de modo geral, que é mais produtivo encher seu paciente com ansiedade e esperança (não importando grande o que você use para isso) nesta guerra, de forma a ele não conseguir mais viver o presente. Mas a expressão "viver no presente" tem duplo sentido. Ela pode descrever um processo que é realmente uma simples preocupação com o Futuro, com toda a ansiedade possível. Seu paciente poderá demonstrar despreocupação com respeito ao Futuro apenas porque o seu Futuro aparentemente será muito agradável (como imaginou o homem que ampliou seus celeiros na parábola do Inimigo), e ele tem a sensação que esta fase vai durar muito tempo. Quanto mais esse estado durar, melhor será para nós, porque ela pode desabar em ruínas ao menor sintoma de virada de rumo, e isso somente estará acumulando na alma dele mais desapontamento, mais impaciência e egoísmo quando suas falsas esperanças são desfeitas. Se, por outro lado, ele estiver ciente dos horrores que podem cair sobre ele e estiver orando pelo recebimento de virtudes que lhe facultem encarar os mesmos horrores, enquanto só tem olhos para o Presente – pois é sempre no Presente que estão todos os deveres – e também toda a Graça, todo o conhecimento, e todos os prazeres, seu estado estará altamente indesejável para nós, e deverá portanto ser atacado sem tréguas. A esse respeito, nosso Exército Filológico tem feito um bom trabalho; tente a palavra "Complacência" com ele. Mas claro, parece-me provável que ele esteja realmente vivendo no Presente apenas porque está gozando de boa saúde, tem um emprego estável e um local agradável para morar. Mas não importa! No seu lugar, eu faria tudo que pudesse para destruir essas sensações agradáveis. Todo fenômeno natural tende a militar contra nós. E afinal de contas, por que iríamos permitir que este idiota fosse feliz?

Seu afetuoso tio

SCREWTAPE

CARTA Número XXXI

Meu caro, meu caríssimo Wormwood, meu bonequinho, meu leitão:

Quão equivocadamente, agora que tudo está perdido, você vem choramingando me perguntar se aquelas palavras de afeto que eu dirigia a você não significavam nada desde o começo! Longe disto! Pode ter certeza que meu amor por você, tanto quanto seu amor por mim se assemelham tanto quanto duas ervilhas. Eu tenho sempre lhe desejado, como você (mísero tolo) tem me desejado. A diferença é apenas que eu sou o mais forte. Eu acho que eles me entregarão você no momento (ou um pedaço de você). Amar você? Claro, certamente. Como um petisco delicioso igual aos outros que me tem engordado.

Você deixou uma alma escapar por entre seus dedos. O uivo de fome aguda por tal perda ecoa neste momento em todos os níveis do Reino da Barulheira até descer ao próprio Trono. Só de pensar, enlouqueço! Como eu conheço o que aconteceu naquele instante em que eles o arrancaram de você! Houve subitamente um clarão em seus olhos (não foi assim mesmo?) e ele viu você pela primeira vez em sua vida, e reconheceu o papel que você tinha desempenhado nela, e soube também que jamais você teria acesso a ele novamente. Apenas imagine (e isso seja o princípio de sua agonia) o que ele sentiu naquele exato momento; como uma casca de ferida que tivesse caído de uma velha chaga, tal qual ele tivesse emergido de uma pústula, como se ele tivesse se despojado de uma roupa gosmenta, mal-cheirosa num único movimento. Pelos Infernos, já não basta a miséria que é vê-los em seus dias mortais tirando suas roupas sujas e desconfortáveis e imergindo numa banheira de água quente emitindo pequenos grunhidos de prazer enquanto esticam seus membros cansados? O que dizer então deste despojamento final, desta purificação plena?

Quanto mais se pensa, pior fica. Ele entrou tão facilmente na nova existência, você percebeu? Nada de dúvidas crescentes, sem condenações médicas, nada de enfermeiras em casa, salas de cirurgia, ou falsas esperanças de vida; ao invés disso, libertação instantânea. Em um momento, tudo parecia estar no nosso mundo; o estrondo das bombas, as casas desmoronando, o cheiro e gosto horríveis dos explosivos em seus lábios e pulmões, os pés queimando de tanto cansaço, o coração gelado de horror, o cérebro confuso, as pernas vacilantes; no momento seguinte tudo isto havia passado, como se tudo fosse apenas um pesadelo, pelo qual ele nunca mais haveria de passar. Seu derrotado! Seu idiota incompetente! Percebeu quão naturalmente – como se tivesse nascido para isso – o verme gerado em cima de uma cama passou para a nova vida? Como todas as dúvidas que ele tivera de repente estavam claras diante de seus olhos, e se tornavam simplesmente ridículas? Eu sei o que a criatura disse pra si mesmo! "Sim, Claro. Isso sempre foi assim mesmo..." Todos os horrores tem seguido o mesmo curso, e foram piorando, e piorando como uma rolha sob pressão numa garrafa, até que de repente, a rolha pulou fora. Como um dente infeccionado que doía mais, e mais, e mais, até que de repente era extraído. O sonho se tornava cada vez mais em pesadelo, até que finalmente você desperta! Não entendo realmente como os seres humanos ainda podem duvidar de todas estas coisas...

Assim como ele viu você, também viu a Eles. Eu sei bem como foi. Você ficou subitamente cegado e paralisado, mais ferido por eles do que ele havia sido pela bomba final. Que degradação que é isto! Que esta coisa de terra e lodo pudesse estar de pé e conversando com espíritos diante dos quais você, um espírito, só podia tremer de medo. Pode ser que você ainda tivesse a esperança de que a surpresa e a estranheza pudessem atrapalhar a alegria dele. Mas isto é outra coisa estranha; os deuses são estranhos aos olhos mortais, mas mesmo assim, não são tão estranhos. Ele tinha uma concepção fantasiosa ainda acerca da aparência que eles teriam, e talvez até tivesse dúvidas sobre

sua existência. Mas quando os viu, ele soube que eles sempre estiveram junto a ele, e reconheceu cada parte que eles haviam operado em muitas horas de sua vida, quando ele se imaginava sozinho e desamparado, de forma que agora, ao invés dele se dirigir a eles com um "Como vão vocês", disse algo como "Então eram vocês o tempo todo hein!" Tudo que ele fez e disse vinha agora novamente, de suas memórias. O reconhecimento o fez livre de sua companhia ainda antes que os membros de seu corpo destruído esfriassem. E somente você ficou de fora.

Mas ele não pôde contemplar apenas os seres celestiais... ele pôde contemplar a Ele! Este animal, esta coisa nascida sobre uma cama pôde olhar para Ele! O que para você é um fogo cegante e consumidor é agora luz fresca para ele, a claridade personificada sob forma de homem. Você gostaria de interpretar, se pudesse, a prostração do paciente na Presença, a sua auto-abominação e o conhecimento cabal de todos os seus pecados (Sim, Wormwood... um conhecimento até mais profundo que o seu) em contrapartida com a atmosfera mortal que emana do coração do Céu. Mas nada disto faz sentido conversarmos agora. Se ainda encontrar algum sofrimento pela frente, ele os aceitará sem reservas ou revoltas. E não os trocaria por nenhum prazer terreno nunca mais. Todas as delícias dos sentidos, do coração, do intelecto que você pudesse usar para tentá-lo antes, agora lhe pareceriam como a atração nauseante que uma prostituta pudesse exercer sobre um homem que estava ouvindo a batida na porta da mulher que amara a vida inteira e acreditava morta. Ele transpusera a fronteira do mundo, onde a dor e o prazer tomam valores transfinitos e onde nossa aritmética falha miseravelmente em tentar compreender. Mais uma vez, o inexplicável acaba conosco. Da mesma laia dos tentadores inúteis como você, a maior fonte de falhas continua sendo nosso Departamento de Inteligência. Se apenas soubéssemos o que Ele está tramando! Droga! Droga! Saber isto em si mesmo já nos daria tudo que é necessário para tomarmos o Poder. Algumas vezes, quase caio em desespero. Tudo que me sustenta é a convicção de que nosso Realismo, nossa rejeição (em face de todas as tentações) TEM QUE VENCER, no final. Enquanto isso, eu terei você para me divertir um pouco. Muito verdadeiramente, seu afetuoso e a cada minuto mais voraz tio

SCREWTAPE